

A Ordem do Tempo Histórico: a *Longue Durée* e a Micro-História

The Order of Historical Time: *The Longue Durée* and Micro-History

Dale Tomich

Professor no Departamento de História da Universidade de Binghamton (Binghamton/EUA) e pesquisador do Fernand Braudel Center.
e-mail: dtomich@binghamton.edu

Resumo

Este artigo aborda a concepção de temporalidade plural de Fernand Braudel e, sobretudo, a *longue durée* como instrumento prático para a pesquisa histórica. Por meio da análise do trabalho de Ernest Labrousse, colega de Braudel, enfatiza os pressupostos teóricos e metodológicos que permeiam a prática da história serial como meio para reconstrução dessas "temporalidades estruturais". Por fim, trata da preocupação com o episódico e com o curto prazo que caracteriza a micro-história italiana como uma reação ao domínio da história serial francesa, a qual, entretanto, permanece ligada à concepção braudeliiana de tempo plural. O artigo procura, desse modo, deixar explícita a relação entre a chamada "segunda fase" dos *Annales* de Braudel e a micro-história italiana, bem como sugerir caminhos pelos quais as concepções de temporalidade podem promover o diálogo entre abordagens historiográficas diversas.

Abstract

This article is concerned with Fernand Braudel's conception of the plural temporality and, above all, the *longue durée* as a practical tool for historical inquiry. Through an examination of the work of Braudel's colleague Ernest Labrousse, it emphasizes the theoretical and methodological assumptions underlying the practice of serial history as the means to reconstruct such "structural temporalities." Finally, it treats the concern for the episodic and short-term that characterizes Italian micro-history as a reaction to the dominance of French serial history which, nonetheless remains in relation to Braudel's conception of plural time. In this way the article seeks to make explicit the relationship between the so-called "second *Annales*" of Braudel and Italian microhistory and to suggest ways the conceptions of temporality might promote dialogue between diverse historiographical approaches.

Palavras-chave

temporalidade plural, *longue durée*, Fernand Braudel, *Annales*, escola dos, história serial, Ernest Labrousse, Micro-História

Keywords

plural temporality, *longue durée*, Fernand Braudel, *Annales*, school, serial history, Ernest Labrousse, Micro-História

Pour moi, l'histoire est la somme de toutes les histoires possibles – une collection de métiers et points de vue, d'hier, d'aujourd'hui, de demain. La seule erreur, à mon avis, serait de choisir l'une de ces histoires à l'exclusion des autres. Ce fût, ce serait l'erreur historisante.

Fernand Braudel.

Introdução: Fernand Braudel e a *Longue Durée*

Em seu discurso durante a conferência inaugural do Fernand Braudel Center, na Binghamton University, em 1977, Braudel enfatizou o caráter prático de sua concepção de *longue durée* e de tempo plural. Seu intento não era produzir um trabalho teórico ou "filosofar". Era, antes, organizar as ideias que tivera quando da escrita de *O Mediterrâneo*.¹ Seguindo uma linha semelhante, em vez de tentar "teorizar" o pensamento de Braudel ou as "temporalidades históricas", este artigo dedica-se às questões práticas da pesquisa histórica levantadas pela concepção braudeliiana de *longue durée*. No presente texto, examina-se a *longue durée* como conceito de ciência social histórica e seu emprego como ferramenta prática para a construção da pesquisa histórica e da investigação ao destacar a *longue durée* dentro do conceito braudeliiano de "tempo plural" e ao arguir a resposta crítica da micro-história italiana às noções de tempo estrutural e história serial propostas por Braudel e Ernest Labrousse.

De início, gostaria de observar que Braudel propõe várias formulações de *longue durée*. Neste texto, privilegio a concepção de estruturas de *longue durée* historicamente singular e geograficamente específica que está mais evidente na primeira parte de *O Mediterrâneo*. No meu modo de entender, esse movimento temporal é produzido por uma interação muito lenta, quase geológica, entre sociedade, geografia e meio-ambiente, ao longo de um período de tempo muito extenso. Talvez seja isto o que Braudel chama de "tempo dos sábios". Enfatizo essa concepção de *longue durée* por ser a mais longa temporalidade histórica concebível e o terreno mais abrangente para a interpretação histórica. Além disso, ela abre caminho para a integração da geografia e do meio-ambiente à análise histórica. Ao mesmo tempo, Braudel apresenta outras formulações de *longue durée*, como, por exemplo, o relato de Ernst Robert Curtius sobre o sistema cultural da civilização latina desde a queda do Império até o século XIV ou o tratado de Pierre Francastel sobre o espaço geométrico na pintura ocidental.² De modo similar, podemos apontar ainda a concepção de sistema-mundo de Immanuel Wallerstein como uma estrutura de *longue durée* ou as ideias de Ernest Labrousse sobre a *longue durée* na economia francesa do *Ancien Régime*. Em cada caso, a *longue durée* é simplesmente a relação temporal mais estável e de maior duração no problema sob análise. Ela constitui o fundamento estável contra o qual variações cíclicas de outras estruturas temporais são estabelecidas, permitindo a ordenação da pesquisa histórica.

Quero salientar, ainda, que cada uma dessas formulações da *longue durée* faz usos distintos das fontes e é construída de acordo com diferentes critérios. Se chamo atenção para essas distinções, não é para defender um significado correto para a *longue durée*. Ela é, em última análise, uma ferramenta metodológica concebida para o estudo de problemas particulares. O ponto que quero enfatizar, para além das diferenças, é que essas formulações diversas implicam construções de temporalidade que são quantitativamente comensuráveis e comparáveis e, ao mesmo

1
BRAUDEL, Fernand. En guise de conclusion. *Review*, vol.I, n.3/4, p.244-245, 1978.

2
BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences: The *Longue Durée*. Immanuel Wallerstein, trans. *Review*, vol.XXXII, n.2, p.179-180, 2009.

tempo, qualitativamente distintas e baseadas em tipos de fontes incensuráveis. Essas diferenças são importantes e precisam ser levadas em conta no elaborar de outras temporalidades e na reconstrução e interpretação do total das relações sob exame. Ignorar tais diferenças qualitativas aumentaria o risco de reificarmos nossas ferramentas conceituais e confundirmo-las com nosso objeto de estudo. Ficariamos, então, com um esquema classificatório ordenado pela *longue durée* que cairia facilmente em explicações funcionalistas ordenadas, *a priori*, por nossas próprias categorias analíticas.

Em "*Histoire et Sciences Sociales. La Longue Durée*", Braudel defende uma ciência social histórica e uma concepção de história adequadas a tal abordagem. E ele o faz realçando a pluralidade do tempo histórico e privilegiando a *longue durée* como elemento estruturador dessa construção temporal. Nessa perspectiva, Braudel ataca a ideia de tempo histórico linear e a ênfase no fato que caracterizam a história positivista. Simultaneamente, por meio de um exame das concepções de tempo histórico nas várias ciências sociais, ele defende a importância das temporalidades plurais e a *longue durée* como base metodológica para uma ciência social histórica unificada.

A abordagem braudeliana é, ao mesmo tempo, empírica e experimental. Por um lado, Braudel procura firmar a *longue durée* como relação histórica concreta e, por outro, propõe-na como sustentáculo metodológico sobre o qual edifica sua concepção de história. Empírico sem ser empiricista, ele constrói seu objeto de estudo por meio de uma abordagem ampla, que se move continuamente entre a pesquisa empírica, a reflexão metodológica e a reconstrução histórica para conceber um material histórico inteligível. A *longue durée* é a chave de seu método histórico.

A *longue durée* parece ser um conceito ambíguo que resiste a definições rígidas. É mais acessível por meio da descrição que por conceitos precisos e hipóteses.³ Braudel concebe a *longue durée* como uma estrutura histórica real, formada na interface da ação humana com a geografia e a natureza em seu sentido mais amplo. É um conceito abrangente que se refere a ritmos temporais tão lentos e estáveis que se aproximam da geografia física. A *longue durée* inclui e é constituída por fenômenos singulares e irrepetíveis, enquanto a sociedade humana interage com fenômenos geofísicos definidos e relativamente estáveis ao longo de um tempo histórico quase inimaginavelmente longo.⁴ Esses fenômenos geofísicos que constituem a *longue durée* têm histórias que se estendem para além da história humana. Segundo o argumento de Reinhart Koselleck, eles oferecem as condições de possibilidade para a história humana, mas não estão à disposição da humanidade. Os seres humanos podem apenas aproveitá-los.⁵ Dentro do leque de possibilidades, as sociedades humanas podem responder a essas condições naturais de maneiras diversas. Mas ambientes naturais são muito resistentes à intervenção humana e, para agentes humanos específicos, parecem ser dados. Não é tarefa fácil mover montanhas ou drenar mares. Ainda assim, esses ambientes estão sujeitos a ações sociais milenares. Braudel destaca elementos comuns e persistentes em distintas formações sociais ao longo de gerações praticamente infinitas com o objetivo de conceituar a *longue durée*. Essa interação humana coletiva com a natureza física gera um movimento extremamente lento, uma

3

BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. 2 Vols. Berkeley: University of California Press, vol.I, 1995, p.23-272.

4

Embora Braudel esteja elaborando um conceito de tempo estrutural (ou seja, de temporalidades históricas para além da intervenção humana ou social direta e imediata) e fale de *longue durée* como estrutura, deve-se salientar que ele não está propondo uma forma de estruturalismo. A *longue durée* não é uma estrutura no sentido sociológico da palavra, ou seja, um atributo fixo do sistema social (como na sociologia de Parsons ou no marxismo de Althusser). O relato histórico de Braudel tampouco é uma "grande narrativa". Diferente disto, a *longue durée* é uma relação histórica mais ou menos estável que possibilita uma abordagem ampla e experimental da reconstrução teórica de mudanças históricas globais em longo prazo e em larga escala.

5

KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Piados, 2001. p.99-100.

temporalidade quase imperceptível – uma estrutura, talvez, mas uma estrutura sujeita à mutação histórica.

Essa ideia de *longue durée* tem peso crítico e importância metodológica para a concepção de história de Braudel. A maioria dos historiadores opta por priorizar o tempo sobre o espaço, sem muita fundamentação teórica. Para eles, a história ocorre *no* espaço e *no* tempo. Consideram, porém, espaço e tempo como categorias formalmente distintas. O espaço é relegado ao pano de fundo contextual em que a história acontece. O tempo é tratado como uma categoria vazia, preenchida por sequências de acontecimentos a serem ordenados e compreendidos por meio da cronologia. Por essa concepção, a pesquisa histórica preocupa-se com o singular porque sequências de acontecimentos são tidas como irrepetíveis e assaz contingentes (como classicamente ilustrado pela interpretação de Isaiah Berlin sobre o nariz de Cleópatra) e, por isso, refratárias à sistematização.⁶

Braudel, em contraste, recupera a complexidade da temporalidade histórica ao priorizar o espaço geofísico-social. Sua concepção ressalta as características físicas da terra, a geografia, os recursos naturais, os processos materiais e a cultura como elementos constitutivos da história humana.⁷ O pressuposto teórico que sustenta a concepção de Braudel é uma história humana formada *através* das “estruturas da *longue durée*”. A condição e o limite dessa história é o planeta finito que todos habitamos – um único mundo físico e as 24 horas de um dia. Aqui, o espaço geofísico e o tempo histórico da *longue durée* servem de mediadores entre a história natural e a social.⁸ Ambos são suportes e obstáculos para a ação humana e formam o limite sócio-histórico contra o qual e pelo qual a práxis humana avança.⁹

Na concepção de Braudel, a *longue durée* fornece o elemento unificador da história humana. Os seres humanos fazem sua história *através* do espaço e do tempo. O espaço cria o tempo: o tempo unifica o espaço. Dessa forma, Braudel revela um mundo espacial-temporal densamente texturizado e com múltiplas camadas, único porque é espacial-temporalmente singular. De fato, é essa própria densidade, essa complexidade, o que o torna suscetível à análise. Tal concepção evita as ilusões de uma ideia de história meramente social ou cultural. Ao mesmo tempo, enriquece as possibilidades para o desenvolvimento da ciência social histórica ao abrir caminho para a história do meio-ambiente e da vida material como elementos constituintes do todo histórico.

É nesse contexto que quero sublinhar a importância metodológica do conceito de *longue durée* de Braudel. A *longue durée* é uma ferramenta para o entendimento e a análise histórica que fornece a base da concepção braudeliiana de história e de ciência social histórica. Ela forma uma abrangente unidade analítica e social que permite a Braudel construir categorias ou objetos de pesquisa por meio de suas relações recíprocas dentro desse campo prático e analítico compartilhado. Nessa abordagem ampla, dinâmica e flexível, os objetos de pesquisa não são entendidos como coisas dotadas de propriedades, mas como conjuntos de relações cambiantes a formar configurações que estão constantemente se adaptando umas às outras e ao mundo que as rodeia, ao longo de processos históricos definidos.¹⁰ Dentro desse quadro, o estabelecimento de categorias relacionais – como, por exemplo, *longue durée*, *conjuncture*, acontecimento, vida material, economia de mercado, capital – e a especificação de relações de tempo e espaço são chaves para a interpretação e a análise.

6

Ibidem, p.96-97.

7

Em seu prefácio à primeira edição de *O Mediterrâneo*, Braudel escreve: “Não poderia desprezar essa história quase fora do tempo, a história do contato humano com o inanimado; nem poderia me satisfazer com a introdução geográfica tradicional à história, lançada quase sem propósito no início de muitos livros.” (BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.I, p.20. Cf. KOSELLECK, Reinhardt. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Piadós, 2001. p.96-97.)

8

“O quadro resultante é aquele em que circunstâncias combinadas, através do tempo e do espaço, fizeram surgir uma história mais lenta, reveladora de valores permanentes. Nesse contexto, a geografia deixa de ter um fim em si mesma para se tornar um meio, ajudando a reencontrar as mais lentas das realidades estruturais e a enxergar na perspectiva do longo prazo. A geografia, como a história, pode responder a muitas questões. Aqui, ela contribui para a descoberta de movimentos quase imperceptíveis da história; caso estivermos, evidentemente, preparados para seguir seus ensinamentos e acatar suas categorias e divisões” (BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.I, p.23. Cf. KOSELLECK, Reinhardt. *Los estratos del tiempo... Op. Cit.*, p.94).

9

BRAUDEL, Fernand. *History and the Social Sciences: The Longue Durée...Op. Cit.*, p.178-179.

10

Editorial. *Tentons l'expérience: Histoire et sciences sociales. Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.44, n.6, p.1319-1320, novembre-décembre, 1989.

11

BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences: The *Longue Durée*...*Op. Cit.*, p.181.

12

Ibidem, p.198.

13

GRENIER, Jean-Yves. Expliquer et comprendre. La construction du temps de l'histoire économique. In: LEPETIT, Bernard (org.). *Les formes de l'expérience: Une autre histoire sociale*. Paris: Éditions Albin Michel, 1995. p.235 e p.238-242.

14

BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences: The *Longue Durée*...*Op. Cit.*, p.198.

15

Ibidem, p.182.

16

A concepção braudeliana de tempo histórico plural e estruturado resolve o dilema conceitual posto pela história factual. Se o acontecimento é a única categoria temporal à nossa disposição, não temos como falar sobre os diversos e complexos fenômenos temporais de duração variável ou sobre as relações que os envolvem. A Revolução Francesa é, frequentemente, descrita como um acontecimento. A queda da Bastilha, a fuga do rei para Varennes e o juramento da sala de jogo de péla também o são. Se a Revolução é tida como um acontecimento, tem a mesma estrutura lógica que seus elementos constituintes. Todos são acontecimentos, determinados simplesmente por serem dotados de um início e um final definidos, um "mínimo 'antes' e 'depois' que constitui sua unidade" (KOSELLECK, Reinhardt. *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1985. p.106). Eles são "atemporais", exceto por referência a uma cronologia externa. A Revolução pode, assim, ser vista como um acontecimento de acontecimentos e, nesse caso, sua estrutura temporal é estabelecida pela soma das partes. Ela é, de uma só vez, constituída e explicada por sequências narrativas (contingentes) de eventos com inícios e finais arbitrários. Desde essa perspectiva, a Revolução não tem estrutura, e as ferramentas disponíveis para explicá-la são, na melhor das hipóteses, extremamente limitadas.

17

"Evidentemente, existem diversos tipos de estruturas, tal como de conjunturas, sendo que a duração dessas estruturas e conjunturas também pode variar. A história estabelece e desvenda, no sentido vertical, múltiplas explicações de um patamar temporal para o outro. E, em cada patamar, agora no sentido horizontal, há também relações e ligações." (BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.I, p.16).

A *longue durée* é a categoria analítica central na diferenciada abordagem braudeliana por causa do papel metodológico que exerce ao articular todo o quadro conceitual de Braudel e ao estabelecer a coerência de seu projeto de *histoire totale*. Em seu modo de ver: "... sobre as bases dessas camadas da história lenta, pode-se repensar a totalidade da história, como se se estivesse acima da infra-estrutura. Todas as fases, todas as milhares de explosões do tempo histórico podem ser entendidas a partir dessas profundidades, a partir dessa semi-imobilidade. Tudo gravita em torno disto".¹¹ Para Braudel, a tarefa do historiador é dividir e depois reunir o tempo. Metodologicamente, procede por diferenciação dentro de uma unidade, em vez de integração de dualidades. Ele nos lembra que, "na verdade, as temporalidades que diferenciamos estão unidas. Não é bem a duração que é criada por nossa mente, mas a cisão dessa duração".¹²

As estruturas históricas unificadas da *longue durée* demarcam o ponto de partida para a diferenciação braudeliana de tempo sócio-histórico. Braudel elabora outras estruturas temporais de menor duração por meio de suas relações com a *longue durée*. Simultaneamente, a *longue durée* provê o elemento unificador que ordena a pluralidade dos tempos sociais em suas relações recíprocas e constrói o todo relacional. Embora a abordagem braudeliana encoraje a pesquisa na grande diversidade de temporalidades históricas, ele constrói seu modelo de tempo plural sobre três temporalidades – a *longue durée*; a *conjoncture* ou tempo cíclico, uma estrutura de tempo de duração intermediária; e o acontecimento ou, mais apropriadamente, o (muito) curto prazo – como um guia para a análise e a reconstrução histórica. Cada uma dessas três temporalidades é concebida em relação com as demais, não apenas em termos de duração, mas também em termos dos processos que as constituem, de sua estrutura e coerência e de sua centralidade para as análises históricas. Tomadas em conjunto, elas formam um quadro que possibilita o exame do fenômeno histórico temporalmente complexo.¹³

Essa abordagem conceitual revela totalidades temporais complexas, heterogêneas, hierarquicamente estruturadas e historicamente inconstantes: "...esses fragmentos juntam-se novamente ao final do nosso trabalho. *Longue durée*, fases cíclicas (*conjoncture*) e acontecimentos encaixam-se facilmente, pois todos são medidas da mesma escala. Dessa forma, entrar em uma dessas temporalidades é fazer parte de todas elas".¹⁴ Segundo Braudel, "... para entender o mundo, é necessário determinar a hierarquia de forças, correntes e movimentos individuais, depois colocá-los juntos para formar uma constelação global. Em todo o processo, deve-se distinguir movimentos de longo prazo e pressões momentâneas, procurando as origens imediatas das últimas e o impulso de longo prazo dos primeiros".¹⁵ Essa concepção de temporalidades plurais é claramente oposta ao tempo vazio, linear e homogêneo da história factual.¹⁶ Ela, de uma só vez, permite e requisita a Braudel especificar os fenômenos no tempo e no espaço, bem como estabelecer as relações entre estes. Ela, desse modo, possibilita a compreensão teórica de fenômenos históricos espaço-temporalmente complexos.¹⁷

Desse modo, a *longue durée* implica uma abordagem metodológica distinta e uma lógica explicativa que redefine a herança intelectual deixada pelo século XIX. Diferente das lógicas de ciências sociais mais convencionais, baseadas na comparação formal de unidades comensuráveis com atributos comuns ou na infinita repetição de ações individuais,

o pressuposto, aqui, é que a análise fundamenta-se em uma unidade complexa e espaço-temporalmente diferenciada, sujeita a múltiplas determinações. Nessa perspectiva, os fenômenos não se repetem. Mercados, cidades e economias mundiais são concebidos como partes constituintes de um conjunto mais abrangente. Nada é parecido com nada mais. Cada qual é singular no tempo e no espaço e em relação a outro fenômeno. Os conceitos básicos da ciência social histórica reconhecem, portanto, a singularidade histórica dos fenômenos sob exame. É a ciência do singular. Seu objeto de investigação é um todo histórico unificado, mas espaço-temporalmente complexo, e seu foco de análise é a formação e a reformação das relações nas diversas escalas espaço-temporais. Dessa forma, os pressupostos das ciências sociais convencionais não são suficientes. Faz-se necessário, então, elaborar novos procedimentos com base em pressupostos distintos.

Focar o papel metodológico – e não o concreto e histórico – da *longue durée* revela uma tensão dentro de "*Histoire et Sciences Sociales. La Longue Durée*", de Braudel. Esse texto é visto, convencionalmente, como um tipo de manifesto pelo tempo estrutural – a *longue durée* e a *conjoncture*. Nele, os "acontecimentos" parecem receber pouca consideração. Eles são "explosivos". "Cegam os olhos com nuvens de fumaça." Braudel preferia falar em "curto prazo" em vez de "acontecimento", mas mesmo este é a "mais caprichosa e enganosa forma de tempo". A "história factual" ou "dos acontecimentos" (*histoire événementielle*) que ele critica é "totalmente desprovida de densidade temporal".¹⁸ Com efeito, a história serial, a *longue durée* e a história conjuntural são geralmente consideradas traços característicos da escola braudeliiana e da dos *Annales* em sua "segunda fase".

Uma leitura mais cuidadosa de "*Histoire et Sciences Sociales*", entretanto, revela uma apreciação mais nuançada do acontecimento ou curto prazo. "Nada, em nossa opinião", escreve Braudel, "chega mais perto do coração da realidade social que essa oposição vívida, íntima e constantemente repetida entre o instante e o longo prazo".¹⁹ Em meio à discussão sobre a excepcional importância da *longue durée*, Braudel recupera o acontecimento ou o curto prazo. Essa abertura ao acontecimento está expressa com maior clareza no próprio *O Mediterrâneo*:

Os acontecimentos são o efêmero da história, eles a atravessam como breves clarões; mal nascem regressam logo à escuridão e muitas vezes ao esquecimento. Cada um deles, com certeza, ainda que breve, testemunha e esclarece um canto escuro ou, por vezes, um vasto panorama da história. E não apenas de história política, pois qualquer área – política, econômica, social e mesmo geográfica – é iluminada pelo brilho intermitente do acontecimento [...] Não sou de modo algum inimigo do acontecimento.²⁰

Aqui, a maneira com que Braudel trata o acontecimento chama nossa atenção para a pluralidade do tempo social mais até que a própria *longue durée*. Fora do tempo plural, o acontecimento "cega-nos com nuvens de fumaça". Mas, na pluralidade do tempo social, ele encontra seu lugar, ainda que limitado, por meio de suas relações com a cambiante totalidade de temporalidades. Nas palavras de Braudel: "Cada 'realidade atual' é a conjunção de movimentos com origens e ritmos diferentes. O tempo de hoje é composto, simultaneamente, de ontem, de anteontem e dos dias passados".²¹ Desde essa perspectiva, o "valor excepcional" da *longue*

18

BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences. In: BURKE, Peter Burke (ed.). *Economy and Society in Early Modern Europe: Essays from Annales*. New York: Harper, 1972. p.14-15.

19

Ibidem, p.13.

20

BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.II, p.901.

21

Idem. History and the Social Sciences: The *Longue Durée...Op. Cit.*, p.182.

22

BRAUDEL, Fernand. Histoire et sciences sociales. La longue durée. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.13, n.4, p.751, 1958.

23

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *La Escuela de los Annales: Ayer, Hoy, Mañana*. Barcelona: Montesinos, 1999. p.141-170.

24

Pierre Chaunu define história serial como "uma história que se preocupa menos com o fato individual (o fato político, naturalmente, mas também os fatos culturais e econômicos) do que com o elemento repetitivo [que é], portanto, integrável a séries homogêneas e imediatamente suscetível a ser objeto dos clássicos procedimentos analíticos da matemática; suscetível, sobretudo, a ser ligado às séries habitualmente utilizadas pelas outras ciências do homem" (CHAUNU, Pierre. *Historia cuantitativa, historial serial*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987).

25

KOSSELLECK, Reinhart. *Futures Past... Op. Cit.*, p.107. GRENIER, Jean-Yves. Expliquer et comprendre... *Op. Cit.*, p.239.

26

POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps*. Paris: Éditions Gallimard, 1984. p.76.

27

LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIII^e siècle*. 2 Vols. Paris: Librairie Dalloz / Repr. Paris: Éditions des archives contemporaines, 1933 (repr. 1984). Idem. *La crise de l'économie française à la fin de l'Ancien Régime et au début de la Révolution*. Paris: Presses Universitaires de France, 1944 (repr. 1990).

28

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse: Genèse d'un modèle d'histoire économique*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2005. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps... Op. Cit.*, p.83-92. GRENIER, Jean-Yves. Expliquer et comprendre... *Op. Cit.*, p.235-243.

29

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. L'expérience historique: Sur C.-E. Labrousse. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.44, n.6, p.1344, novembro-dezembro, 1989.

durée é sua função de ordenar prática e conceitualmente a relação entre as diversas temporalidades dentro do tempo social total. Com efeito, em sua discussão das análises biográficas de Sartre sobre Tintoretto e Flaubert, Braudel sugere que o estudo de um caso específico pode levar da superfície às profundezas da história. Ele comenta que a pesquisa de Sartre se aproximaria ainda mais da sua própria "... se a ampulheta fosse virada nas duas direções, do acontecimento para a estrutura e, então, das estruturas e modelos de volta para o acontecimento"²²

Tempo Plural e História Serial: Ernest Labrousse

Sob a influência de *O Mediterrâneo*, a concepção braudeliana de tempo plural dominou a historiografia francesa durante a "segunda fase" dos *Annales*, entre 1956-1968, e esteve estreitamente associada à prática da história serial.²³ No esquema temporal tripartite de Braudel, o problema colocado pela história serial está mais evidente ao nível da *conjuncture*. Enquanto a *longue durée* foca fenômenos únicos, a história serial é uma abordagem fortemente quantitativa que se ocupa com a repetição, a regularidade e a quantidade. Ela seleciona e constrói séries de fenômenos, frequentemente por meio de operações estatísticas, em função de seu caráter repetitivo, a fim de identificar ligações espaço-temporais estáveis e de estabelecer relações causais entre eles.²⁴ Essas relações estruturais são tidas como entidades integrais, não como a soma de acontecimentos individuais. Apesar das diferenças entre *longue durée* e fenômeno conjuntural, ambos podem ser considerados instâncias do que Koselleck chama de tempo estrutural, ou seja, "aspectos temporais de relações que não entram na estrita sequência de acontecimentos que fizeram parte da experiência".²⁵ Ao centrar-se em fenômenos repetíveis e regularidades estáveis, a história serial ressalta o social e o econômico sobre o político e rompe com as práticas de periodizações arbitrariamente determinadas.²⁶

As questões metodológicas postas pela história serial talvez estejam mais claramente expressas no trabalho de Ernest Labrousse.²⁷ Labrousse estava interessado na história da França e, sobretudo, na Revolução Francesa. Ele, no entanto, advogava por uma abordagem científica da história, por meio da reconstrução estatística de séries de dados econômicos e sociais, e tentou explicar as origens da Revolução Francesa pela análise dos ciclos econômicos do século XVIII e suas consequências. Labrousse se aproximava bastante de Braudel em muitos aspectos, embora também houvesse diferenças significativas entre suas abordagens. O enfoque inovador de Labrousse na história dos ciclos econômicos influenciou fortemente Braudel e está incorporado ao modelo desse último no âmbito da *conjuncture*.²⁸

O propósito de Labrousse não era reproduzir um passado histórico objetivamente verdadeiro por meio da crítica documental, mas desenvolver explicações causais plausíveis para fenômenos históricos particulares, no seu caso, a Revolução Francesa. Sua abordagem experimental da história econômica e social firmava-se na observação empírica e na descrição de fontes históricas. Não dependia, contudo, da interpretação de documentos individuais, mas do estabelecimento de relações regulares entre fatos repetitivos, expressos em séries de documentos relacionados, com o intuito de construir modelos explicativos. Labrousse, desse modo, privilegia o repetitivo sobre o singular, e a eficiência de seu enfoque deriva da redução de múltiplas observações a um tipo descritivamente invariável.²⁹

Labrousse argumenta que apenas a *mercuriale*, "baseada em um considerável somatório de transações, elaborada a cada semana ou, pelo menos, de feira em feira por profissionais do mercado [*professionnels du marché*] que usam qualidades idênticas e procedimentos também idênticos, supervisionada por interesses concorrentes, amplamente purgada dos erros minoritários que nela abundam pela lei dos grandes números, pode expressar a tendência dos preços em toda a elasticidade do mercado sob análise e permitir o cálculo do preço médio anual ou mensal. Por meio dela e somente dela, podem-se descobrir, depois da aplicação de controles e elaborações (...), médias representativas, representativas do conjunto de transações ao longo do conjunto de meses durante todo um ano. Registros de negócios oferecem, no mais das vezes, apenas episódios dessa história". LABROUSSE, Ernest. *La crise de l'économie française... Op. Cit.*, p.12-13. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps... Op. Cit.*, p.77-78. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1342, 1350.

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1345-1346.

LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix... Op. Cit.*, esp. vol.II, p.640-642. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps... Op. Cit.*, p.80-82. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.209-270.

A elaboração de modelos explicativos exigiu que Labrousse construísse um novo objeto de pesquisa e utilizasse novas fontes para tanto.³⁰ Em vez de usar registros de negócios efetivos e preços obtidos em transações reais, ele foi contra a convenção e usou dados compilados pelo Estado francês nas *mercuriales*, ou listas de preço de mercado. Historiadores da Economia menosprezavam o uso das *mercuriales* como fontes por elas não refletirem as verdadeiras atividades dos atores econômicos. Labrousse, porém, argumentou que os procedimentos e os controles implicados na compilação das *mercuriales* eram suficientes para fazer delas uma referência válida dos preços médios.³¹ Ele, então, manipulou estatisticamente os dados das *mercuriales* com o intuito de construir fatos constantes, homogêneos e "puros" ao remover todas as variações acidentais e fatores intervenientes. Foi, desse modo, capaz de constituir séries homogêneas de fatos que são diretamente comparáveis umas com as outras. Essas séries permitiram-lhe traçar o movimento dos preços e de outros dados econômicos, bem como distinguir fatores econômicos de outros fatores intervenientes.³² As curvas resultantes eram diretamente comparáveis umas com as outras, e as relações entre elas podiam ser racionalmente ordenadas para revelar fatores explicativos e especificar as condições de uma determinada situação histórica.

Em seus dois principais trabalhos, *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIII^e siècle* (1933) e *La crise de l'économie française à la fin de l'Ancien Régime et au début de la Revolution* (1944), Labrousse analisa os movimentos dos preços e rendimentos na economia francesa setecentista e fornece o clássico relato das crises cíclicas do *Ancien Régime*. Nesses trabalhos, reconstrói meticulosamente as flutuações de preço do trigo e de outros bens de subsistência da massa da população, além de valores de aluguéis e salários durante o século XVIII. Consegue diferenciar movimentos de longo prazo, oscilações cíclicas e movimentos sazonais. Sua apreciação, porém, não é somente econômica. Ele também analisa as consequências desses movimentos de preço para as diferentes categorias sociais – nobres, eclesiásticos, burgueses e, sobretudo, camponeses. Cada movimento tem um efeito social específico, mas, quando tomados em conjunto, modificam a posição das diferentes categorias sociais. Assim, Labrousse procura estabelecer relações causais entre os movimentos de preços e seus efeitos nas várias categorias sociais. Seu procedimento analítico identifica os mecanismos que geraram as crises típicas da economia agrária do *Ancien Régime* e demonstra as origens econômicas e sociais da Revolução Francesa em uma específica conjuntura de longo prazo e ciclos intermediários, juntamente com ciclos agrícolas de curto prazo.³³ Essa violenta conjuntura pressionou os meios de subsistência e a renda popular – camponesa, sobretudo – e levou proprietários, Igreja e Estado a aumentarem as exações sobre a população.

Para Labrousse, a temporalidade é, de uma só vez, um instrumento de pesquisa e um princípio organizador de processos históricos. É uma ferramenta analiticamente poderosa que lhe permite reconstruir movimentos temporais e ciclos econômicos, além de identificar rupturas, acelerações e reviravoltas. A estreita identificação entre conceitual e real, no entanto, cria uma tensão dentro de sua abordagem. Uma ferramenta estatística – a média – é a ligação entre a realidade das coisas e representação construída e produzida pelo discurso científico. Sua construção estatística do movimento "real" deve resultar em uma análise

34
BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.150, p.186-187 e p.190. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1351.

35
GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1351.

36
Ibidem.

37
BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.121.

38
Ibidem, p.191-193.

39
Ibidem, p.193-194. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1352-1355.

capaz de apreender mecanismos econômicos representativos.³⁴ De acordo com Labrousse: "o conhecimento estatístico – com suas elaborações de médias e de médias de médias, próximas do concreto e, ao mesmo tempo, representativas tanto quanto possível – é, a seu modo, conceitualização do real" (*Le prix du froment en France au temps de la monnaie stable (1726-1913)*). Réédition de grands tableaux statistiques. Introductions et notes de E. Labrousse, R. Romano, F.G. Dreyfus. Paris: 1970, XLV, citado por Jean-Yves Grenier e Bernard Lepetit).³⁵ Grenier e Lepetit argumentam que essa perspectiva gera um grau de ambiguidade no trabalho de Labrousse. Às vezes, ele trata a média como se fosse, a um só tempo, abstração e realidade efetiva.³⁶

A estreita ligação entre real e conceitual na abordagem de Labrousse cria dois tipos de dificuldades para a análise histórica. O procedimento metodológico de Labrousse implica a construção de fatos constantes, a elaboração do objeto de pesquisa e a análise dos fatores explicativos. Ele constrói um modelo da interação entre preços, produção, lucros e salários não para estabelecer leis causais universais, mas para analisar o nexo de causalidade entre determinados efeitos de movimentos econômicos específicos.³⁷ Ao privilegiar o preço, Labrousse, com êxito, identifica movimentos de preços de duração e amplitudes várias e, assim, constrói temporalidades. Ele procura determinar as diferentes importâncias econômicas e os específicos mecanismos de ação de cada movimento temporal para, depois, reconstituir as relações entre os movimentos particulares.³⁸ Na manipulação estatística dos dados com o propósito de construir o objeto de pesquisa, os movimentos cíclicos são constituídos em relação aos movimentos da *longue durée*. Da mesma maneira, variáveis sociais são constituídas em relação ao preço por meio das categorias de rendimentos, salários etc.

O modelo de Labrousse é, assim, orientado unilateralmente pelos movimentos de preços, sobretudo os da *longue durée*. A primeira dificuldade deriva, contudo, do fato de o preço não ter poder explicativo nesse esquema. Em vez disso, ele é tido como a resultante das curvas de oferta e demanda, a qual é, por sua vez, presumida como dado, permanecendo não analisada como relação histórica. O modelo lida com os efeitos do preço, mas aquilo que produz o preço, para além da simples oferta/demanda, é eliminado da consideração. Porque o social é construído como efeito do econômico, a articulação entre econômico e social é unilateral e perde seu valor explicativo. A temporalidade específica do social desaparece, e as próprias relações econômicas são tratadas unilateralmente, sem atentar às determinações sociais. Como o modelo aproxima-se muito do real, é difícil avaliar os dados. O perigo desse procedimento é que a ordem de causalidade e a estruturação da dependência podem ser constituídas *a priori* na formulação do objeto de pesquisa. Nesse caso, os vários movimentos são funcionalmente integrados à *longue durée*, a qual assume primazia causal. Desse modo, há uma tendência à tautologia. Tanto a abordagem quanto suas categorias temporais podem ser reificadas. As explicações causais correm, portanto, o risco de serem reduzidas a descrições dos mecanismos revelados pelas próprias séries.³⁹

Apesar dessas tensões e ambiguidades, a manipulação estatística de fatos repetíveis de Labrousse permite-lhe estabelecer relações temporais e econômicas regulares e estáveis, bem como indicar as causas estruturais

e as condições da revolução. Isto, no entanto, cria também a segunda dificuldade. Os mesmos pressupostos de sua abordagem produzem, necessariamente, um resíduo de fatos inconstantes e não repetitivos que são externos às categorias explicativas. Esse resíduo só pode ser contado como sequências de acontecimentos acidentais e assaz contingentes, que não podem ser integrados ao modelo e precisam ser explicados de outras maneiras. Essa dualidade entre regularidades e irregularidades, estruturas e acontecimentos, fica evidente no relato de Labrousse sobre sua análise da Revolução Francesa:

... as características gerais da crise econômica sob o *Ancien Régime*, a solidariedade pela qual foram manifestas, seu agravamento em 1789, [que é] atribuível à violência do movimento cíclico e do movimento da *longue durée*, permitem-nos avaliar melhor a pressão exercida pelos meios econômicos sobre os acontecimentos.⁴⁰

40

LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix... Op. Cit.*, vol.II, p.640-641.

Aqui, as relações estruturais entre os ciclos econômicos explicam a crise revolucionária. Os acontecimentos da Revolução são relegados ao segundo plano. Em sua avaliação crítica do trabalho de Labrousse, Grenier e Lepetit assinalam que: "a causalidade acidental não aparece como um elemento exterior à racionalidade explicativa. É, em vez disso, necessária como complemento à determinação de regularidades. Essa forma de endogeneização é a marca de uma insuficiência causal (...). O acontecimento perde sua novidade criativa, e a mudança já não é uma categoria a ser pensada." Do ponto de vista dos autores, a causalidade funcional de regularidade opõe-se à causalidade acidental. O acontecimento é pensado em termos de acontecimento, e o singular é reintroduzido como um elemento da interpretação.⁴¹

41

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1354-1355. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.196-197.

A publicação de *Esquisse du mouvement des prix*, em 1933, provocou críticas afiadas por parte de Henri Hauser, o mais preeminente historiador econômico da França. O debate ocorreu entre 1936 e 1939, no contexto das reuniões do *Comité international pour l'histoire des prix*, um projeto internacional para o estudo da história dos preços, sob a direção dos economistas Sir William Beveridge e Edwin F. Gay.⁴² O conflito pôs uma antiga, positivista e ideográfica história factual contra a inovadora abordagem estrutural e estatística da interpretação histórica defendida por Labrousse.

42

DUMOULIN, Olivier. *Aux origines de l'histoire des prix. Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, n.2, p.507-522, 1990. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.147-153.

Hauser, diretor da seção francesa do *Comité international*, questionou tanto as fontes de Labrousse quanto o papel destas na interpretação histórica. Rejeitou o uso que Labrousse fazia das *mercuriales* e argumentou que documentos particulares – registros e livros de contabilidade de empresas reais – superavam-nas como fontes de história econômica. Além disso, Hauser defendeu um enfoque tradicional ao exame crítico dos documentos individuais contrário à abordagem estatística e nomotética de Labrousse.⁴³ Para Hauser, o objetivo da história dos preços era iluminar as condições sociais e, em última análise, descrever o tipo de vida dos indivíduos.⁴⁴ Mais especificamente, ele argumentou que:

43

HAUSER, Henri. *Recherches et documents sur l'histoire des prix en France de 1500 à 1800*. Paris: Slatkine Reprints, 1936 (repr. 1985). p.37-45.

44

Ibidem, p.1-2 e p.71-72. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1342. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.152.

... pelo menos no período anterior à generalização da civilização industrial, é o acidental, o fora de lugar ou o fora de tempo, o que domina a realidade da vida econômica. O homem não vive pelas médias ou pelas variações da *longue durée*; ele vive pelo pão real, vendido por certo preço por certo peso em certo momento. Consequentemente, trocaremos todas as curvas do mundo pelo humilde registro onde o escrevente do tribunal, o padre da paróquia, o nobre proprietário de terras,

- 45
HAUSER, Henri. *Recherches et documents...* Op. Cit., p.72.
- 46
Ibidem, p.71. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. L'expérience historique... Op. Cit., p.1342. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps...* Op. Cit., p.77.
- 47
LABROUSSE, Ernest. *La crise de l'économie française...* Op. Cit., p.171. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. L'expérience historique... Op. Cit., p.1351. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps...* Op. Cit., p.78.
- 48
PARIS, Erato. *La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel: La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II (1923-1947)*. Athens: Institut de recherches néohelléniques, Fondation national de la recherche de Grèce, 1999. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* Op. Cit., p.150.
- 49
BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* Op. Cit., p.150, p.170-180 e p.200-203. GRENIER, Jean-Yves. Expliquer et comprendre... Op. Cit., p.227.
- 50
GRENDI, Edoardo. Repenser la microhistoire?. In: REVEL, Jacques (org.). *Jeux d'échelles. La micro-analyse à l'expérience*. Paris: Éditions Gallimard, 1996. p.233.
- 51
O diálogo entre tempo estrutural e micro-história continua, é claro, com as iniciativas de uma "quarta fase" dos *Annales*, associada a Jacques Revel, Jean-Yves Grenier e ao falecido Bernard Lepetit (*Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. n.44, novembre-décembre, 1989; AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *La Escuela de los Annales...* Op. Cit., p.190-212). GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. The Name of the Game: Unequal Exchange and the Historical Marketplace. In: MUIR, Edward and RUGGIERO, Guido. *Microhistory and the Lost Peoples of Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991. p.1-10. GINZBURG, Carlo. Microhistory: Two or Three Things That I Know about It. *Critical Inquiry*, vol.20, n.1, p.10-35, 1993. LIMA, Enrique Espada. *A micro-história italiana*. Escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.64-85.
- 52
FURET, François e LE GOFF, Jacques. Histoire et ethnologie. In: *Méthodologie de l'histoire et des sciences humaines*. Vol.2 do *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel*. Toulouse, 1973. p.231, citado por GINZBURG, Carlo. *Microhistory...* Op. Cit., p.18 e p.21; GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. L'expérience historique... Op. Cit.
- 53
LEVI, Giovanni. On Microhistory. In: BURKE, Peter (org.). *New Perspectives on Historical Writing*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 1991. p.109.

anotou, semana a semana, o preço dos grãos, do vinho, da carne. A minúcia infinita dessas notas e as variações bruscas e múltiplas que elas registram revelam-nos os fatos gerais, ou seja, durante épocas de comunicações ruins, de agricultura empírica, de submissão a acidentes meteorológicos e, enfim, de insegurança política, o mesmo *setier* de trigo varia enormemente de um ano para o outro, às vezes de um mês para o outro, e de um vilarejo para o vilarejo vizinho.⁴⁵

"Em história", enfatiza Hauser, "a única ciência é a do particular".⁴⁶

Em resposta, Labrousse insistiu no valor do fato repetitivo, na sua abordagem estatística e nas novas perspectivas que estes abriam para a história social e econômica: "... aqui, o repetitivo tem mais valor humano que o acidental. Em história econômica, diferentemente do observado em outros ramos da história, tudo o que importa se repete".⁴⁷ Ao longo do debate, a abordagem de Labrousse foi validada. Hauser e a velha história factual nunca foram capazes de confrontar totalmente e em seus próprios termos os novos métodos ou o novo quadro interpretativo propostos por Labrousse.⁴⁸ O trabalho de Labrousse introduziu o novo enfoque nomotético na história serial. Esse enfoque não influenciou apenas Braudel, mas dominou a "segunda fase" dos *Annales* desde os anos 1950 até os 1970.⁴⁹

Micro-história italiana e a reinvenção do curto prazo

Dentro desse contexto de ênfase no tempo plural, na história serial e na importância metodológica da *longue durée*, gostaria de atentar para o curto prazo e, particularmente, para a micro-história italiana, associada a figuras como Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Edoardo Grendi e Carlo Poni. Nem escola nem abordagem sistêmica, o que na Itália ficou conhecido por *microstoria* é descrito por um de seus maiores nomes como uma "comunidade de estilo".⁵⁰ Ela se desenvolveu como resposta à história serial praticada por Fernand Braudel e pela escola francesa dos *Annales*, com os quais manteve uma relação complexa, mesmo seguindo um caminho independente e, em certo sentido, oposto.⁵¹

A micro-história italiana pode ser vista como uma tentativa de renovação em resposta ao que era considerado o esgotamento e a ossificação da história serial nos anos 1970. Central para a formação do projeto dos micro-historiadores era seu confronto crítico com a escola dos *Annales* e, especialmente, com a concepção de evidência e interpretação documental, de causalidade e de construção da temporalidade que caracterizam a prática da história serial. Pelo que Carlo Ginzburg chama de processo de "equalização dos indivíduos", a história serial ignora particularidades e reconhece cognitivamente apenas o que é homogêneo e comparável.⁵² Aos olhos dos micro-historiadores, esse procedimento interessado pelas regularidades implica, ao menos tacitamente, uma homogênea concepção de tempo e causalidade que produz continuidade entre níveis. O tempo plural poderia, desse modo, ser interpretado como uma hierarquia estável em que cada temporalidade simplesmente se desdobra no eixo formado por aquela que lhe é superior. Nesse caso, toda a abordagem corre o risco de produzir um relato funcionalista da mudança histórica, uma história de estruturas e transformações estruturais.⁵³

Em resposta, os micro-historiadores italianos encamparam um conjunto de práticas historiográficas altamente experimentais e até mesmo ecléticas, cujo traço comum é uma consciente redução da escala de observação. Eles se apegam ao singular, ao peculiar, ao fora de série, ao anômalo e dedicam-se a uma análise detalhada de fenômenos muito

54

Ibidem, p.95-97.

55

Levi continua: "A redução da escala é uma operação experimental justamente devido a esse fato, porque presume que as delineações do contexto e sua coerência são aparentes e revela aquelas contradições que só aparecem quando a escala de referência é alterada. Esse esclarecimento pode também ocorrer de modo incidental, como observou corretamente Jacques Revel, pelo aumento da escala. A escolha de microdimensões surge como um resultado direto da tradicional preponderância da interpretação macrocontextual, em vista da qual ela é a única direção experimental possível a ser tomada". Ibidem, p.107.

56

Ibidem, p.94. Histoire et sciences sociales. Un tournant critique. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, p.1320, 1989.

57

LEVI, Giovanni. On Microhistory... *Op. Cit.*, p.94.

58

GINZBURG, Carlo. Microhistory... *Op. Cit.*, p.96-125, esp. p.105-107.

circunscritos, tais como comunidades aldeãs, grupos de famílias ou uma única pessoa, evento ou objeto. Seu interesse pela escala reduzida não é, porém, uma preocupação com os sistemas locais e de pequena escala. Como escreve Giovanni Levi, "... fica imediatamente óbvio que mesmo a ação aparentemente mais insignificante, como, por exemplo, a de alguém sair para comprar um pão, realmente envolve o sistema bem mais amplo dos mercados de grão do mundo todo". Em vez disso, a escala reduzida é um procedimento analítico e experimental cujo propósito é revelar fatores não observados até então.⁵⁴

A prática micro-histórica, desse modo, implica uma intensa experimentação metodológica e historiográfica com o curto prazo, com o local e com o particular. É como se os micro-historiadores estivessem, intencionalmente, olhando pelo lado errado do telescópio. As radicais inversão de perspectiva e redução de escala iluminam relações e processos que, de outra forma, permaneceriam não reveladas. A micro-história procura descobrir "o contexto social em que um fato aparentemente anômalo ou insignificante assume significado, quando as incoerências ocultas de um sistema aparentemente unificado são reveladas".⁵⁵

Ao analisar as contradições inerentes a sistemas de normas prescritivos e opressivos, a micro-história procura um relato mais realista da ação social. Não há um mecanismo automático por meio do qual os atores alinhem-se com as mudanças e transformações estruturais. Em vez disso, "toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais".⁵⁶ Estratégias individuais e coletivas, escolhas e negociações são interpretadas em estreita relação com seus contextos, mas não podem ser reduzidas a eles. As abordagens da Micro-história preocupam-se com o exercício da liberdade relativa "pelas brechas e contradições dos sistemas normativos".⁵⁷ Essa perspectiva individualizante produz resultados que possuem o que Ginzburg descreve como uma "margem especulativa não suprimível".⁵⁸

Conclusão: Ordenação do Tempo Histórico

Dentro da interpretação que proponho, os resultados da pesquisa micro-histórica podem ser vistos como o indivíduo histórico-mundial. Cada lugar ou instância micro-histórica é necessariamente distinto de outro e nenhum pode ser reduzido às condições gerais. Essas instâncias são espacial e temporalmente densas e complexas, multifacetados pontos de convergência, confluência e concentração de temporalidades múltiplas. Aqui, podemos, talvez, ver a razão de Braudel em querer encapsular o acontecimento na estrutura complexa e volátil do curto prazo. Os micro-historiadores conduziram-nos para muito além da compreensão do acontecimento como uma estrutura simplesmente temporal com um início e um final distintos, e interpretada pela narração. Em vez disso, podemos ver no trabalho dos micro-historiadores o que Reinhart Koselleck chama de contemporaneidade do não-contemporâneo. Essa perspectiva leva a uma radical redefinição do "contexto". Em vez de serem o "pano de fundo" externo contra o qual o curto prazo se desdobra, a *longue durée* e a *conjoncture* estão ativamente presentes como agências estruturadoras, moldando limitações e possibilidades.

59

"Parece-me que a micro-história se movimenta mais firmemente em direção aos ramos não-quantitativos da matemática, para apresentar representações *mais realistas* e menos mecanicistas, ampliando assim o campo da indeterminação, sem necessariamente rejeitar as elaborações formalizadas" (LEVI, Giovanni. On Microhistory... *Op. Cit.*, p.109, grifo meu).

60

ZEUSKE, Michael. *Sklaven und Sklaverei in den Welt des Atlantiks, 1400-1940: Umrisse, Anfänge, Akteure, Vergleichsfelder und Bibliographien*. Berlin: LIT Verlag, 2006. p.9.

61

HOPKINS, Terence K. World-Systems analysis: Methodological Issues. In: HOPKINS, Terence K. e WALLERSTEIN, Immanuel (org.). *World-Systems Analysis: Theory and Methodology*. Beverly Hills: Sage Publications, 1982. p.149.

A microanálise, desse modo, abre acesso a ambientes e condições extremamente locais e particulares, em que agências são constituídas e estratégias de ação social, implantadas. Isto nos permite contextualizar indivíduos atuantes na interseção de níveis espaço-temporais múltiplos, bem como estabelecer as relações e condições específicas que formam atos e atores. Ganha, portanto, conteúdo específico o dito de Marx de que os homens fazem a história, mas apenas aquela que lhes é possível fazer. Porém, com um pedido de desculpas a Giovanni Levi e aos micro-historiadores, a Micro-história não é mais "real" que outros níveis de análise espaço-temporal.⁵⁹ Também ela é uma reconstrução. É, simplesmente, capaz de atingir maiores graus de complexidade (a expensas de seu grau de aplicabilidade) e mais apropriada a certos problemas.

O projeto micro-histórico revela a descontinuidade e a heterogeneidade que são, necessariamente, parte do tempo plural. O microanalítico, o *temps courte*, mantém sua singularidade. Os resultados da fragmentária e singular análise micro-histórica não podem ser automaticamente transferidos para esferas estruturais mais gerais ou vice-versa (embora sejam necessariamente produzidos entre umas e outras). Se parássemos por aqui, teríamos alcançado a reconstrução teórica de complexos históricos específicos, a reprodução do indivíduo histórico-mundial como concentração de muitas determinantes. Essa reconstrução histórica é necessariamente parte da ciência social histórica mundial – a análise concreta da situação concreta, como disse um pensador do século XX.

Mas o ponto não é a particularização. Dentro dos pressupostos metodológicos do mundo da ciência social histórica mundial, de sistemas perspectivos globais, ganhamos conhecimento ao oscilarmos continuamente entre o geral e o específico, o macro e o micro, a repetição e a diferença. O que os micro-historiadores ainda precisam fazer é, nas palavras de Braudel, virar a ampulheta pela segunda vez, quer dizer, inverter o procedimento metodológico e examinar a *longue durée* e o tempo estrutural através das lentes do curto prazo, do local e do particular, fazer o que Michael Zeuske chama de micro-história enquanto "história do mundo desde a perspectiva do individual".⁶⁰

Esse procedimento lembra a discussão de Terence Hopkins sobre o movimento figura-fundo. Pensando na abordagem metodológica da análise dos sistemas-mundo, Hopkins escreve:

Tenho em mente o movimento figura-fundo, onde, ao se mudar o foco, o que era fundo vira figura e, ao se mudar o foco de novo, o que era figura vira fundo. Para nós, o movimento figura-fundo parece ter lugar entre as relações sociais e os agentes, entre função e relação. Penso que a relação metodológica com a qual trabalhamos é aquela em que nossos agentes ou unidades só podem ser considerados como *construídos* e continuamente re-formados pelas relações entre eles. Perversos, pensamos, com frequência, que as relações só se dão entre os pontos finais, as unidades ou agentes atuantes, como se estes fizessem as relações, e não como se as relações os fizessem. As relações são, geralmente, nossas unidades, e agentes atuantes são nossos planos de fundo. Em certos pontos durante a análise, é, sem dúvida, indispensável mudar o foco para os agentes; mas acho que nós, com muita frequência, nos esquecemos do que fizemos e falhamos em mudar o foco de volta.⁶¹

Em contraste com a abordagem de sistema-mundo de Hopkins e com outras histórias "estruturais", estruturas de longo prazo são comumente tratadas como fundo, enquanto estruturas de curto prazo

62

Carlo Ginzburg afirma: "Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la" (GINZBURG, Carlo. *Clues: Roots of an Evidential Paradigm*. In: *Clues, Myths and the Historical Method*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989. p.123.

63

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.167.

64

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *La Escuela de los Annales... Op. Cit.*, p.200.

e agentes são tidos como figura. Contudo, diferenças em escala são diferenças metodológicas, não diferenças ontológicas. Inverter o sentido desse relacionamento entre fundo e figura é tanto possível quanto necessário, se quisermos compreender as estratificadas e assimétricas relações espaço-temporais que formam unidades e agentes. (Na verdade, poderíamos, nesses termos, pensar na inovação de Braudel justamente como uma inversão dessas – tomando a *longue durée* como figura, e não como fundo.) A própria abordagem micro-histórica parece deixar essa possibilidade em aberto.⁶²

Entretanto, como adverte Hopkins, é importante não reificar as unidades e os agentes, nem os tratar fora das relações pelas quais são formados. Na medida em que vemos unidades temporais de observação quantitativamente, ou seja, como unidades de tempo homogêneo e de duração variável, essas unidades são compatíveis umas com outras e, portanto, comparáveis. Ao mesmo tempo, devemos ter em mente que há diferenças qualitativas entre essas unidades. Elas são constituídas de modo distinto e incorporam diferentes lógicas explicativas. Por consequência, não podem ser simplesmente transpostas ou substituídas umas pelas outras. Devemos, antes, levar tanto a similitude quanto a diferença em consideração enquanto alternamos as relações fundo-figura e continuamente nos movemos entre os diferentes níveis analíticos, com o intuito de apreender as relações espaço-temporais complexamente estruturadas que constituem o mundo histórico e social.⁶³

Essa inversão de procedimento lança luz sobre o complexo, altamente mediado e historicamente irregular caráter dos processos históricos mundiais. Eles revelam como temporalidades estruturais e cíclicas não produzem resultados uniformes, mas diferença local, heterogeneidade global e até mesmo resultados que vão contra a tendência geral. São processos simultaneamente unificadores e diferenciadores.

Virar uma vez mais a ampulheta permite-nos voltar ao todo histórico global, reconstituindo-o por meio da complexa e histórica inter-relação de fenômenos. A perspectiva da *longue durée* e da análise histórica global permite-nos sistematicamente oscilar entre relações gerais e específicas e também – tomando como nosso renovado ponto de partida a relação concreta – entre a inter-relação histórica, a interdependência e a mútua formação de específicos complexos de relações dentro do todo histórico global. Aqui, a hierarquia metodológica não sugere uma hierarquia causal. Não há estrutura causal fixa. Esse movimento oscilatório implica a manipulação de escalas temporais e espaciais e o emprego de diversas estratégias analíticas e interpretativas dentro do quadro fornecido pela *longue durée*, no que concerne ao problema específico em mãos.⁶⁴ Esses procedimentos exigem um movimento duplo. Eles nos permitem especificar relações históricas particulares e processos no tempo e no espaço, enquanto reconstituímos a complexidade espaço-temporal do todo histórico global. Podemos, dessa maneira, reconstituir a economia mundial como um todo histórico concreto e, incorporando a unidade e as diferenças produzidas global e historicamente, reconstruir as altamente mediadas e historicamente irregulares relações dos processos históricos mundiais enquanto os vivemos.

Tradução: Fernanda Trindade Luciani

Recebido para publicação em abril de 2010
Aprovado em agosto de 2010

The Order of Historical Time: The *Longue Durée* and Micro-History

Dale Tomich

Professor in the Department of History at the Binghamton University (Binghamton/EUA) and researcher of the Fernand Braudel Center.
e-mail: dtomich@binghamton.edu

Abstract

This article is concerned with Fernand Braudel's conception of the plural temporality and, above all, the *longue durée* as a practical tool for historical inquiry. Through an examination of the work of Braudel's colleague Ernst Labrousse, it emphasizes the theoretical and methodological assumptions underlying the practice of serial history as the means to reconstruct such "structural temporalities." Finally, it treats the concern for the episodic and short-term that characterizes Italian micro-história as a reaction to the dominance of French serial history which, nonetheless remains in relation to Braudel's conception of plural time. In this way the article seeks to make explicit the relationship between the so-called "second *Annales*" of Braudel and Italian microhistory and to suggest ways the conceptions of temporality might promote dialogue between diverse historiographical approaches.

Keywords

plural temporality, *longue durée*, Fernand Braudel, *Annales*, school, serial history, Ernst Labrousse, Micro-História

Pour moi, l'histoire est la somme de toutes les histoires possibles – une collection de métiers et points de vue, d'hier, d'aujourd'hui, de demain. La seule erreur, à mon avis, serait de choisir l'une de ces histoires à l'exclusion des autres. Ce fût, ce serait l'erreur historisante.

Fernand Braudel.

Introduction: Fernand Braudel and the *Longue Durée*

In his remarks at the conference inaugurating the Fernand Braudel Center at Binghamton University in 1977, Braudel emphasized the practical character of his conception of the *longue durée* and plural time. His intent was not to produce a work of theory or to 'philosophize.' Rather, it was to organize the ideas that he formed while writing *The Mediterranean*.¹ In a similar vein, this chapter is concerned with practical questions of historical inquiry raised by Fernand Braudel's conception of *longue durée*, rather than with attempting to "theorize" either Braudel or "historical temporalities." It examines the *longue durée* as a concept of historical social science and its deployment as a practical tool for constructing historical inquiry and conducting research by specifying the *longue durée* within Braudel's concept of "plural time" and interrogating the critical response of Italian *microhistoria* to the notions of structural time and serial history put forth by Braudel and Ernest Labrousse.

At the outset, I would like to note that Braudel proposes various formulations of *longue durée*. In this chapter, I privilege the historically singular and geophysically specific construction of *longue durée* structures that is most evident in the first part of Braudel's *The Mediterranean*. In my understanding, this temporal movement is produced through very slow, almost geological, societal interaction with geography and environment over the very long-term. It is perhaps what Braudel refers to as the "time of the sages." I emphasize this construction of *longue durée* because it is the longest conceivable historical temporality and most comprehensive ground for historical interpretation. In addition, it opens the way for the integration of geography and environment into historical analysis. At the same time, Braudel puts forth other formulations of *longue durée*, for instance Ernst Robert Curtius' account of the cultural system of Latin civilization from the fall of the Empire to the fourteenth century or Pierre Francastel's treatment of the 'geometric space of Western painting.'² Similarly we may look to Immanuel Wallerstein's conception of world-system as a *longue durée* structure or Ernest Labrousse's construction of the *longue durée* of the Ancien Régime French economy. In each case, the *longue durée* is simply the most stable temporal relation of the longest duration in the problem under consideration. It forms the stabilizing ground against which cyclical variations of other temporal structures are established, and it allows the ordering of historical inquiry.

I wish to emphasize that each of these formulations of the *longue durée* makes use of evidence differently and is constructed according to different criteria. I call attention to these differences not to make the case for a correct interpretation of *longue durée*. It is, in the final analysis, a methodological tool that is constructed for the analysis of particular problems. Rather, the point I wish to emphasize is that these diverse formulations entail constructions of temporality that are quantitatively commensurate and comparable, and at the same time, are qualitatively distinct and based on incommensurate kinds of evidence. These differences

¹ BRAUDEL, Fernand. En guise de conclusion. *Review*, vol.I, n.3/4, p.244-245, 1978.

² BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences: The *Longue Durée*. Immanuel Wallerstein, trans. *Review*, vol.XXXII, n.2, p.179-180.

are consequential and need to be taken into account in the elaboration of other temporalities and the reconstruction and interpretation of the totality of relations under consideration. Ignoring such qualitative differences increases the danger that we reify our conceptual tools and conflate them with the object of our study. We are then left with a classificatory schema ordered by the *longue durée* that easily lapses into functionalist explanations that are ordered a priori by our own analytical categories.

In "*Histoire et Sciences Sociales. La Longue Durée*," Braudel makes the case for a historical social science and a conception of history that is adequate to such an approach. He does this by emphasizing the plurality of historical time and privileging the *longue durée* as the structuring element of this temporal construction. From this perspective, Braudel attacks the linear conception of historical time and emphasis on the event that characterize positivist history. At the same time, through an examination of the conception of historical time in the various social sciences, he argues for the importance of plural temporalities and for the *longue durée* as the methodological ground for a unified historical social science.

Braudel's approach is at once empirically oriented and experimental. On the one hand, he seeks to establish the *longue durée* as a substantive historical relation, and, on the other hand, he proposes it as the methodological scaffolding on which he builds his conception of history. Empirical without being empiricist, he constructs the object of his inquiry through an open-ended approach that moves back and forth between empirical research, methodological reflection, and historical reconstruction in order to make intelligible historical material. The *longue durée* is the key to his historical method.

The *longue durée* may appear to be an ambiguous concept that resists hard definition. It is more accessible through description than precise concepts and hypotheses.³ Braudel conceives of the *longue durée* as a real historical structure formed at the interface of human activity with geography and nature in their broadest sense. It is an embracing concept that refers to temporal rhythms so slow and stable that they approximate physical geography. The *longue durée* encompasses and is constituted by singular and non-repeatable phenomena as human society interacts with definite and relatively stable geophysical phenomena across almost unimaginably long historical time.⁴ Those geophysical phenomena that are formative of the *longue durée* have histories that extend beyond human history. As Reinhardt Koselleck argues, they provide the conditions of possibility for human history, but they are not at the disposition of humanity. Humankind can only take advantage of them.⁵ Within the range of possibilities, human societies may respond to these natural conditions in diverse ways. But natural environments are highly resistant to human intervention, and for particular human actors they appear as given. It is no easy task to move mountains or drain seas. Nonetheless, such environments are subject to millennial societal action. Braudel emphasizes persistent and common elements across distinct social formations over virtually infinite generations in order to conceptualize the *longue durée*. Such general collective human interaction with physical nature forms an extremely slow-moving, almost imperceptible temporality – a structure perhaps, but a structure subject to historical mutation.

This conception of *longue durée* is of critical substantive and methodological importance for Braudel's conception of history. Most

3

BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. 2 Vols. Berkeley: University of California Press, vol. I, 1995, p.23-272.

4

Although Braudel is elaborating a concept of structural time (that is historical temporalities beyond direct and immediate human or social intervention) and speaks of the *longue durée* as a structure, it should be stressed here that he is not proposing a structuralism. The *longue durée* is not a structure in the sociological sense of the word, that is a fixed attribute of the social system (as in Parsons' sociology or Althusser's Marxism). Nor is Braudel's historical account a "grand narrative." Rather, the *longue durée* is a more or less stable *historical* relation that allows an open and experimental approach to the theoretical reconstruction of long-term, large-scale world historical change.

5

KOSSELLECK, Reinhardt. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Piados, 2001. p.99-100.

6

Ibidem, p.96-97.

7

In his Preface to the first edition of *The Mediterranean*, Braudel writes: "I could not neglect this almost timeless history, the story of man's contact with the inanimate, neither could I be satisfied with the traditional geographical introduction to history that often figures to little purpose at the beginning of so many books..." (BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.I, p.20. Cf. KOSELLECK, Reinhardt. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Piados, 2001. p.96-97.)

8

"The resulting picture is one in which all the evidence combines across time and space, to give us a history in slow motion from which permanent values can be detected. Geography in this context is no longer an end in itself but a means to an end. It helps us to rediscover the slow unfolding of structural realities, to see things in the perspective of the very long term. Geography, like history, can answer many questions. Here it helps us to discover the almost imperceptible movement of history, if only we are prepared to follow its lessons and accept its categories and divisions" (BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.I, p.23. Cf. KOSELLECK, Reinhardt. *Los estratos del tiempo... Op. Cit.*, p.94).

9

BRAUDEL, Fernand. *History and the Social Sciences: The Longue Durée...Op. Cit.*, p.178-179.

10

Editorial. *Tentons l'expérience: Histoire et sciences sociales. Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.44, n.6, p.1319-1320, novembre-décembre, 1989.

historians opt for the priority of time over space with little theoretical foundation. For them history occurs *in* space and *in* time. Yet they regard space and time as formally distinct categories. Space is relegated to the contextual background in which history happens. Time is treated as an empty category that is filled by sequences of events to be ordered and comprehended by means of chronology. In such a conception, historical inquiry is concerned with the unique because sequences of events are regarded as unrepeatable and highly contingent (as classically illustrated by Isaiah Berlin's interpretation of Cleopatra's nose) and thus not given to systematization.⁶

In contrast, Braudel recuperates the complexity of historical temporality by prioritizing geophysical-social space. His conception emphasizes the physical characteristics of the earth, geography, natural resources, material processes and culture as constitutive elements of human history.⁷ The theoretical assumption supporting Braudel's conception is a human history formed *through* the "structures of the *longue durée*." The condition and limit of that history is the finite planet that we all inhabit – a single physical world and twenty-four hours in a day. Here, the geophysical space and historical time of the *longue durée* serve as the mediation between natural and social history.⁸ They are both supports of and obstacles to human action, and they form the social historical limit against and through which human praxis pushes.⁹

In Braudel's conception, the *longue durée* provides the unifying element of human history. Humans make their history *through* space and time. Space creates time: time unifies space. In this way, Braudel discloses a densely textured, multi-layered spatial-temporal world that is unique because it is spatio-temporally singular. Indeed, it is this very density and complexity that makes it susceptible to analysis. Such a conception avoids the illusions of a purely social or cultural conception of history. At the same time, it enriches the possibilities for the development of historical social science by opening the way for environmental history and the history of material life as constituent elements of all history.

It is in this context that I wish to emphasize the methodological importance of Braudel's concept of the *longue durée*. The *longue durée* is a tool for historical cognition and analysis that provides the ground for Braudel's conception of history and of historical social science. It forms a comprehensive social and analytical unit that enables Braudel to construct categories or objects of inquiry through their relation to one another within this shared analytical and practical field. In this flexible, dynamic, and open approach, objects of inquiry are understood not as things with properties, but as ensembles of changing relations forming configurations that are constantly adapting to one another and to the world around them through definite historical processes.¹⁰ Within this framework, the establishment of relational categories– e.g. *longue durée*, *conjuncture*, event, or material life, market economy, capital – and the specification of relations in time and space, are keys to interpretation and analysis.

The *longue durée* is the central analytical category in Braudel's distinctive approach because of its methodological role in articulating his entire conceptual framework and establishing the coherence of his project of *histoire totale*. In his view: "... on the basis of these layers of slow history, one can rethink the totality of history, as though it were located atop an infrastructure. All the stages, all the thousands of explosions

11

BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences: The *Longue Durée...Op. Cit.*, p.181.

12

Ibidem, p.198.

13

GRENIER, Jean-Yves. Expliquer et comprendre. La construction du temps de l'histoire économique. In: LEPETIT, Bernard (org.). *Les formes de l'expérience: Une autre histoire sociale*. Paris: Éditions Albin Michel, 1995. p.235 e p.238-242.

14

BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences: The *Longue Durée...Op. Cit.*, p.198.

15

Ibidem, p.182.

16

Braudel's conception of plural and structured historical time resolves the conceptual dilemma presented by event history. If event is the only temporal category at our disposition, we have no way to talk about diverse and complex temporal phenomena of varying duration and the relations comprising them. The French Revolution is often described as an event. The storming of the Bastille, the flight of the king to Varennes, and the Tennis Court Oath are also events. If the Revolution is regarded as an event, it has the same logical structure as its constituent elements. All are events, defined simply by having the property of a definite beginning and a definite end, a "minimal 'before' and 'after' that constitutes their unity" (KOSELLECK, Reinhardt. *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1985. p.106). They are "timeless" except through reference to an external chronology. The Revolution may perhaps then be seen as an event of events, in which case, its temporal structure is established by the summing up of its parts. It is at once constituted and explained by narrating (contingent) sequences of events with arbitrary beginnings and ends. From such a perspective, the Revolution has no structure, and the tools available for explaining it extremely limited at best.

17

"Clearly there are different kinds of structure just as there are different kinds of conjuncture, and the duration of either structure or conjuncture may vary. History accepts and discovers multidimensional explanations, reaching, as it were, vertically from one temporal plane to another. And on every plane there are also horizontal relationships and connections" (BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.I, p.16).

of historical time can be understood from these depths, from this semi-immobility. Everything gravitates around it".¹¹ For Braudel the task of the historian is to divide and then to reassemble time. Methodologically, he proceeds by differentiating within a unity rather than integrating dualities. He reminds us that, "In fact, the temporalities that we differentiate are bound together. It is not so much duration that is the creation of our mind, but the splitting up of this duration".¹²

The unifying historical structures of the *longue durée* provide the point of departure for Braudel's differentiation of social-historical time. He elaborates other temporal structures of shorter duration through their relation to the *longue durée*. At the same time the *longue durée* provides the unifying element that orders the plurality of social times in relation to one another and constructs the relational whole. Although Braudel's approach encourages inquiry into the great diversity of historical temporalities, he constructs his model of plural time in terms of three temporalities – the *longue durée*; cyclical time or the *conjoncture*, a structural time of intermediate duration; and the event, or more properly the (very) short term – as a guide to historical analysis and reconstruction. Each of these three temporalities is conceived in relation to the others, not only in terms of duration, but also in terms of the processes that constitute it, its structure and coherence, and its centrality for historical analysis. Taken together, they form a framework that allows examination of temporally complex historical phenomena.¹³

This conceptual approach discloses complex, heterogeneous, hierarchically structured, and historically shifting temporal totalities: "... these fragments come together again at the end of our work. The *longue durée*, cyclical phases (*conjoncture*), and events fit together easily, for they are all measurements on the same scale. Hence, to enter into one of these temporalities is to be part of all of them".¹⁴ According to Braudel "... if one wants to understand the world, one has to determine the hierarchy of forces, currents, and individual movements, and then put them together to form an overall constellation. Throughout, one must distinguish between long-term movements, and momentary pressures, finding the immediate sources of the latter and the long-term thrust of the former".¹⁵ This conception of plural temporalities is clearly opposed to the homogeneous, linear, and empty time of event history.¹⁶ It at once permits and requires Braudel to specify phenomena in time and space and to establish the relations between them. It thereby allows theoretical comprehension of spatially and temporally complex historical phenomena.¹⁷

Thus, the *longue durée* implies a distinctive methodological approach and logic of explanation that redefines the intellectual heritage handed down from the nineteenth century. In contrast to more conventional social science logics based on formal comparison of commensurate units with common properties or the infinite repetition of individual actions, the assumption here is that analysis is grounded in a single spatially-temporally differentiated and complex unit subject to multiple determinations. From this perspective, phenomena do not repeat themselves. World economies, cities, markets, etc. are conceived as constituent parts of a more encompassing whole. None is like any other. Each is singular in time and space and in relation to other phenomena. Hence, the basic concepts of historical social science recognize the historical uniqueness of the phenomena under examination. It is a science

of the singular. Its object of investigation is a unified, but spatially-temporally complex historical whole and the focus of analysis is the formation and reformation of relations through diverse spatial-temporal scales. From this perspective, the assumptions of conventional social science do not obtain. Rather, it is necessary to elaborate new procedures on the basis of different assumptions.

Focusing on the methodological rather than substantive historical role of the *longue durée* discloses a tension within Braudel's "*Histoire et Sciences Sociales. La Longue Durée*." Conventionally, this article is viewed as a sort of manifesto for structural time – the *longue durée* and the *conjoncture*. In it, "events" appear to receive short shrift. They are "explosive." They "blind the eye with clouds of smoke." Braudel would prefer to speak of the "short term" rather than the "event," but even this is the "most capricious and deceptive form of time." The "event history" (*histoire événementielle*) that he is criticizing is "totally lacking in time density".¹⁸ Indeed, serial history, the *longue durée*, and conjunctural history are generally regarded as the characteristic features of Braudel's scholarship and that of the *Annales* during its "second period."

However, a closer reading of "*Histoire et Sciences Sociales*" reveals a more nuanced appreciation of the event or short term. "Nothing, in our opinion," writes Braudel, "comes closer to the heart of social reality than this lively, intimate, constantly recurring opposition between the instant and the long-term".¹⁹ In the midst of his discussion of the exceptional importance of the *longue durée*, Braudel recovers the event or the short-term. This openness to the event is nowhere expressed more clearly than in *The Mediterranean* itself:

Events are the ephemera of history; they pass across its stage like fireflies, hardly glimpsed before they settle back into darkness and as often as not into oblivion. Every event, however brief, has to be sure, a contribution to make, lights up some dark corner or even some wide vista of history. Nor is it only political history which benefits most, for every historical landscape – political, economic social, even geographical – is illumined by the intermittent flare of the event.... I am by no means the sworn enemy of the event".²⁰

Here Braudel's treatment of the event draws our attention to the plurality of social time rather than the *longue durée* in itself. Outside of plural time, the event "blinds us with clouds of smoke." But within the plurality of social time, it finds its place, if only a limited one, through its relation to the changing totality of temporalities. In Braudel's words: "Each 'current reality' is the conjoining together of movements with different origins and rhythms. The time of today is composed simultaneously of yesterday, of the day before yesterday, and of bygone days".²¹ From this perspective, the "exceptional value" of the *longue durée* is its role in conceptually and practically ordering the relation among diverse temporalities within the totality of social time. Indeed, in his discussion of Sartre's biographical analyses of Tintoretto and Flaubert, Braudel suggests that the study of a specific case can lead from the surface to the depths of history. He comments that Sartre's inquiries would better parallel his own "... if the hour-glass were turned in the two directions, from the event to the structure and then from the structures and models back to the event".²²

18

BRAUDEL, Fernand. History and the Social Sciences. In: BURKE, Peter Burke (ed.). *Economy and Society in Early Modern Europe: Essays from Annales*. New York: Harper, 1972. p.14–15.

19

Ibidem, p.13.

20

BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World... Op. Cit.*, vol.II, p.901.

21

Idem. History and the Social Sciences: The *Longue Durée...Op. Cit.*, p.182.

22

BRAUDEL, Fernand. *Histoire et sciences sociales. La longue durée. Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.13, n.4, p.751, 1958.

23

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *La Escuela de los Annales: Ayer, Hoy, Mañana*. Barcelona: Montesinos, 1999. p.141-170.

24

Pierre Chaunu defines serial history as "a history that is concerned less with the individual fact (the political fact, naturally, but also the cultural or economic fact) than with the repeated element [that is], therefore integrable into a homogeneous series, and immediately susceptible to being the object of classical analytical procedures of mathematics, susceptible, above all, of being linked up with the series habitually utilized by the other sciences of man (CHAUNU, Pierre. *Historia cuantitativa, historial serial*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987).

25

KOSELLECK, Reinhart. *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1985. p.107. GRENIER, Jean-Yves. *Expliquer et comprendre... Op. Cit.*, p.239.

26

POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps*. Paris: Éditions Gallimard, 1984. p.76.

27

LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIII^e siècle*. 2 Vols. Paris: Librairie Dalloz / Repr. Paris: Éditions des archives contemporaines, 1933 (repr. 1984). Idem. *La crise de l'économie française à la fin de l'Ancien Régime et au début de la Révolution*. Paris: Presses Universitaires de France, 1944 (repr. 1990).

28

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse: Genèse d'un modèle d'histoire économique*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2005. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps... Op. Cit.*, p.83-92. GRENIER, Jean-Yves. *Expliquer et comprendre... Op. Cit.*, p.235-243.

29

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique: Sur C.-E. Labrousse. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.44, n.6, p.1344, novembro-dezembro, 1989.

30

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.138-153.

Plural Time and Serial History: Ernest Labrousse.

Under the influence of *The Mediterranean*, Braudel's conception of plural time dominated French historiography during the period of the "second Annales" from 1956-1968 and was closely associated with the practice of serial history.²³ In Braudel's tripartite temporal scheme, the problem that serial history presents is most evident at the level of the *conjuncture*. Whereas the *longue durée* focuses on unique phenomena, serial history is a strongly quantitative approach that is concerned with repetition, regularity, and quantity. It selects and constructs series of phenomena, often through statistical operations, as a function of their repetitive character in order to identify stable spatial-temporal relationships and establish causal relations between them.²⁴ Such structural relations are regarded as integral entities, not as the sum of individual events. Despite the differences between *longue durée* and conjunctural phenomena, both may be regarded as instances of what Koselleck refers to as structural time, that is, "temporal aspects of relations which do not enter into the strict sequence of events that have been the subject of experience."²⁵ By focusing on repeatable phenomena and stable regularities, serial history emphasizes the social and economic over the political, and breaks with practices of arbitrarily determined periodization.²⁶

The methodological issues posed by serial history are perhaps most clearly expressed in the work of Ernest Labrousse.²⁷ Labrousse was interested in the history of France and, above all, the French Revolution. However, he advocated a scientific approach to history through the statistical reconstruction of series of economic and social data, and he sought to explain the origins of the French Revolution through analysis of the economic cycles of the eighteenth century and their consequences. Labrousse was closely associated with Braudel in many respects, although there were also significant differences between their approaches. Labrousse's innovative approach to the history of economic cycles influenced Braudel strongly and is incorporated into the latter's model at the level of the *conjuncture*.²⁸

Labrousse's purpose was not to reproduce an objectively true historical past through documentary criticism, but rather to develop plausible causal explanations for particular historical phenomena, in his case the French Revolution. His experimental approach to economic and social history rested upon empirical observation and description of historical materials. However, it depended not on the interpretation of individual documents but on the establishment of regular relations between repetitive facts expressed in series of related documents in order to construct explanatory models. Labrousse thus privileges the repetitive over the singular, and the efficacy of his approach derives from the reduction of multiple observations to a descriptively invariable type.²⁹

The elaboration of explanatory models required Labrousse to construct a new object of inquiry and to utilize new sources in order to do so.³⁰ Rather than using actual business records and the prices that obtained in real transactions, he went against convention and used the data compiled by the French state in *mercuriales*, or market price lists. Economic historians disparaged the use of *mercuriales* as a source of evidence because they did not reflect the actual activities of economic actors. However, Labrousse argued that the procedures and the checks and balances entailed in the compilation of the *mercuriales* were sufficient to make them a valid

31

Labrousse argues that only the *mercuriale*, "based on a considerable mass of transactions, drawn up at least from week to week or from fair to fair, by market professionals [*professionnels du marché*] using identical qualities and following identical procedures, supervised by competing interests, largely purged of minor errors with which it teems by the law of large numbers, can express the price trend in the full elasticity of the market being considered and permits the calculation of a monthly or annual average price. By means of it and it alone can one find, after employing controls and elaborations, ... representative averages, representative of the ensemble of transactions during the ensemble of months during the year as a whole. Account books often only provide episodes of this history" LABROUSSE, Ernest. *La crise de l'économie française...* *Op. Cit.*, p.12-13. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps...* *Op. Cit.*, p.77-78. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* *Op. Cit.*, p.1342, 1350.

32

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* *Op. Cit.*, p.1345-1346.

33

LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix...* *Op. Cit.*, esp. vol.II, p.640-642. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps...* *Op. Cit.*, p.80-82. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* *Op. Cit.*, p.209-270.

34

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* *Op. Cit.*, p.150, p.186-187 e p.190. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* *Op. Cit.*, p.1351.

35

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* *Op. Cit.*, p.1351.

36

Ibidem.

reflection of average prices.³¹ He then statistically manipulated the data in the *mercuriales* in order to construct stable, homogeneous, 'pure' facts by removing all accidental variations and intervening factors. He was thereby able to constitute homogeneous series of facts that are directly commensurate with one another. Such series allowed him to trace the movement of prices and other economic data, and to distinguish economic factors from other intervening factors.³² The resultant curves were directly comparable with one another, and the relations between them could be rationally ordered to disclose explanatory factors and specify the conditions accounting for particular historical situations.

In his two major works, *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIII^e siècle* (1933) and *La crise de l'économie française à la fin de l'Ancien Régime et au début de la Revolution* (1944), Labrousse analyzes the movements of prices and revenues in eighteenth century French economy and provides the classic account of cyclical crises of the Ancien Régime. In these works, he meticulously reconstructs the fluctuations of the price of wheat and other subsistence goods of the mass of the population, as well as of rents and wages during the eighteenth century. He is able to differentiate between a long-term movement, cyclical oscillations, and seasonal movements. However, his analysis is not only economic. He also analyzes the consequences of these price movements for different social categories – nobles, ecclesiastics, bourgeois, and above all peasants. Each movement has a social effect specific to it, while taken together they modify the position of the different social categories. Thus, Labrousse seeks to establish causal relations among the price movements and their effects on various social categories. His analytical procedure identifies the mechanisms that create the crises typical of the Ancien Régime agrarian economy and demonstrates the economic and social origins of the French Revolution in a specific conjuncture of long term and intermediate cycles together with short-term agricultural cycles.³³ This violent conjuncture put pressure on popular, above all peasant, subsistence and incomes as it drove proprietors, Church and State to increase exactions on the populace.

For Labrousse temporality is at once an instrument of research and an organizing principle of historical processes. It is an analytically powerful tool that enables him to reconstruct temporal movements and economic cycles and to identify ruptures, accelerations and reversals. However, his close identification of the conceptual and the real creates tension in his approach. A statistical tool – the average – is the link between the reality of things and the constructed representation produced by scientific discourse. His statistical construction of the "real" movement should result in an analysis capable of grasping representative economic mechanisms.³⁴ According to Labrousse: "Statistical knowledge – with its elaborations of averages and averages of averages, at once as close to the concrete and as representative as possible – is in its way conceptualization of the real" (*Le prix du froment en France au temps de la monnaie stable (1726-1913)*). Réédition de grands tableaux statistiques. Introductions et notes, par E. Labrousse, R. Romano, F.G. Dreyfus. Paris: 1970, XLV, cited in Jean-Yves Grenier e Bernard Lepetit).³⁵ Grenier and Lepetit argue that this perspective creates a degree of ambiguity in Labrousse's work. At times, he treats the average as if it is at once an abstraction and an effective reality.³⁶

37
BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.121.

38
Ibidem, p.191-193.

39
Ibidem, p.193-194. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique... Op. Cit.*, p.1352-1355.

40
LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix... Op. Cit.*, vol.II, p.640-641.

The close identification of the real and the conceptual in Labrousse's approach creates two sets of difficulties for historical analysis. Labrousse's methodological procedure entails the construction of stable facts, elaboration of the object of inquiry, and analysis of explanatory factors. He constructs a model of the interaction of prices, production, profits and salaries not to establish universal causal laws, but to causally analyze the particular effects of specific economic movements.³⁷ By privileging price, Labrousse successfully identifies price movements of various durations and amplitudes and constructs temporalities. He seeks to determine the distinct economic significance and particular mechanisms of action of each temporal movement and then reconstitute the relations among the particular movements.³⁸ In the statistical manipulation of data to construct the object of inquiry, cyclical movements are constituted in relation to the movement of the *longue durée*. Likewise, social variables are constituted in relation to price through categories of revenues, wages, etc.

Thus, Labrousse's model is unilaterally oriented toward prices movements, above all that of the *longue durée*. However, the first difficulty derives from the fact that price has no explanatory power in this scheme. Rather, it is taken as the result of supply and demand that is itself presumed as given and remains unanalyzed as an historical relation. The model treats the effects of price, but what produces price beyond simple supply and demand is eliminated from consideration. Because the social is constructed as the effect of the economic, the articulation of the economic and the social is one-sided and loses its explanatory value. The temporality specific to the social disappears, and economic relations themselves are treated unilaterally without regard to social determinations. As the model so closely approximates the real it is difficult to evaluate the data. The danger in this procedure is that the order of causality and structure of dependency may be constituted a priori in the formulation of the object of inquiry. In such a case, the various movements are functionally integrated around the *longue durée*, which assumes causal primacy. Thus, there is a tendency towards tautology. Both the approach and its temporal categories may be reified. Causal explanations then risk being reduced to descriptions of the mechanisms revealed by the series themselves.³⁹

Despite these tensions and ambiguities, Labrousse's statistical manipulation of repeatable facts enables him to establish regular and stable economic and temporal relations and to indicate the structural causes and conditions of the revolution. However, it also creates the second difficulty. The very assumptions of his approach necessarily produce a residue of unstable and non-repetitive facts that are external to the explanatory categories. This residue can only be accounted for as sequences of accidental and highly contingent events that cannot be integrated into his model and must be explained by other means. This duality between regularities and irregularities, structures and events is evident in Labrousse's account of his analysis of the French Revolution:

... the general characteristics of the crises under the economic ancien régime, the solidarity through which they are manifested, their aggravation in 1789 [which is] attributable to the violence of the cyclical movement and the movement of the *longue durée*, permit us to better evaluate the pressure exerted by the economic milieu on events.⁴⁰

Here the structural relations between economic cycles account for the revolutionary crisis. The events of the Revolution are removed to the second plane. In their critical evaluation of Labrousse's work, Grenier and Lepetit note that: "accidental causality does not appear as an element that is outside of the explanatory rationality. Rather it is a necessary complement to the determination of regularities. This form of endogenization is the mark of a causal insufficiency.... The event loses its creative novelty and change is no longer a category to be thought." In their view, the functional causality of regularity is opposed to accidental causality. The event is thought by means of the event and the singular is reintroduced as an element of the interpretation.⁴¹

41

GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* Op. Cit., p.1354-1355. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* Op. Cit., p.196-197.

42

DUMOULIN, Olivier. *Aux origines de l'histoire des prix. Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, n.2, p.507-522, 1990. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* Op. Cit., p.147-153.

43

HAUSER, Henri. *Recherches et documents sur l'histoire des prix en France de 1500 à 1800*. Paris: Slatkine Reprints, 1936 (repr. 1985). p.37-45.

44

Ibidem, p.1-2 e p.71-72. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* Op. Cit., p.1342. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* Op. Cit., p.152.

45

HAUSER, Henri. *Recherches et documents...* Op. Cit., p.72.

46

Ibidem, p.71. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* Op. Cit., p.1342. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps...* Op. Cit., p.77.

47

LABROUSSE, Ernest. *La crise de l'économie française...* Op. Cit., p.171. GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* Op. Cit., p.1351. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps...* Op. Cit., p.78.

The appearance of Labrousse's *Esquisse du mouvement des prix* in 1933 provoked sharp criticism by Henri Hauser, France's preeminent economic historian. The debate took place between 1936 and 1939 in the context of the meetings of the *Comité international pour l'histoire des prix*, an international project for the study of price history under the direction of economists Sir William Beveridge and Edwin F. Gay.⁴² It pitted an older positivist and ideographic event history against Labrousse's innovative structural and statistical approach to historical interpretation.

Hauser, director of the French section of the *Comité international*, challenged both Labrousse's sources and their role in historical interpretation. He rejected Labrousse's use of *mercuriales* and argued that private documents – registers and account books of actual enterprises – were superior to them as sources for economic history. Further, Hauser defended a traditional approach to the critical examination of individual documents as against Labrousse's statistical and nomothetic approach.⁴³ For Hauser, the purpose of price history was to illuminate social conditions and ultimately to describe the type of life of individuals.⁴⁴ More specifically he argued that:

... at least in the times before the generalization of industrial civilization, it is the accidental, of place or of time, that dominates the reality of economic life. Man does not live by averages or by variations of the *longue durée*; he lives by real bread, sold at such a price for such a weight at such a moment. Consequently we will give all the curves in the world for the humble chronicle where the clerk of the tribunal, the parish priest, the noble landowner has inscribed week by week the price of grain, of wine, of meat. The infinite detail of these entries, the sharp and multiple variations that they register, reveal the general facts to us, that is, during epochs of bad communications, empirical agriculture, and submission to meteorological accidents and finally political insecurity, the same *setier* of wheat varies enormously from one year to another, sometimes from one month to another, and from one parish to a neighboring parish.⁴⁵

"In history," Hauser emphasized, "the only science is of the particular".⁴⁶

In response, Labrousse insisted on the value of the repetitive fact, his statistical approach, and the new perspectives that it provided for economic and social history: "... here the repetitive has more human value than the accidental. In economic history, differently from what is observed in other branches of history, all that is important is repeated".⁴⁷ In the course of the debate, Labrousse's approach was validated. Hauser and an older event history were never able to fully confront in their own terms the new methods or the new interpretive framework put forward by

48

PARIS, Erato. *La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel: La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II (1923-1947)*. Athens: Institut de recherches néohelléniques, Fondation national de la recherche de Grèce, 1999. BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* *Op. Cit.*, p.150.

49

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse...* *Op. Cit.*, p.170-180 e p.200-203. GRENIER, Jean-Yves. *Expliquer et comprendre...* *Op. Cit.*, p.227.

50

GRENDI, Edoardo. *Repenser la microhistoire?*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jeux d'échelles. La micro-analyse à l'expérience*. Paris: Éditions Gallimard, 1996. p.233.

51

The dialogue between structural time and microhistory, of course, continues with the initiatives for a "fourth *Annales*" associated with Jacques Revel, Jean-Yves Grenier and the late Bernard Lepetit (*Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. n.44, novembre-décembre, 1989; AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *La Escuela de los Annales...* *Op. Cit.*, p.190-212). GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. *The Name of the Game: Unequal Exchange and the Historical Marketplace*. In: MUIR, Edward and RUGGIERO, Guido. *Microhistory and the Lost Peoples of Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991. p.1-10. GINZBURG, Carlo. *Microhistory: Two or Three Things That I Know about It*. *Critical Inquiry*, vol.20, n.1, p.10-35, 1993. LIMA, Enrique Espada. *A micro-história italiana. Escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.64-85.

52

FURET, François e LE GOFF, Jacques. *Histoire et ethnologie*. In: *Méthodologie de l'histoire et des sciences humaines*. Vol.2 of *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel*. Toulouse, 1973. p.231, cited in GINZBURG, Carlo. *Microhistory...* *Op. Cit.*, p.18 e p.21; GRENIER, Jean-Yves e LEPETIT, Bernard. *L'expérience historique...* *Op. Cit.*

53

LEVI, Giovanni. *On Microhistory*. In: BURKE, Peter (org.). *New Perspectives on Historical Writing*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 1991. p.109.

54

Ibidem, p.95-97.

55

Levi continues: "The reduction in scale is an experimental operation precisely because of this fact, that it assumes that the delineations of context and its coherence are apparent and it brings out those contradictions which only appear when the scale is altered. This clarification can also occur, incidentally, as Jacques Revel has rightly observed, by enlarging the scale. The choice of micro dimensions arose as a direct result of the traditional preponderance of macro contextual interpretation, in view of which it was the only possible direction to take". *Ibidem*, p.107.

Labrousse.⁴⁸ Labrousse's work introduced the new nomothetic approach of serial history. This approach not only influenced Braudel, but also dominated "second *Annales*" from the 1950s to the 1970s.⁴⁹

Italian Microhistory and the Reinvention of the Short-term

Within the context of this emphasis on plural time, serial history, and the methodological significance of the *longue durée*, I would like to turn to the short term and particularly Italian *microhistoria*, associated with such figures as Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Edoardo Grendi, and Carlo Poni. Not a school or a systemic approach, what has come to be known as *microhistoria* in Italy is described by one of its main practitioners as a "community of style".⁵⁰ It developed as a response to serial history as practiced by Fernand Braudel and the French *Annales* school, with which it has maintained a complex relation even while following an independent and, in a certain sense, opposite path of development.⁵¹

Italian microhistory may be seen as an attempt at renewal in response to what was seen as the ossification and exhaustion of serial history in the 1970s. Central to the formation of the microhistorian's project was their critical engagement with the *Annales* school, and especially the conceptions evidence and documentary interpretation, causality, and the construction of temporality that characterize the practice of serial history. Through what Carlo Ginzburg refers to as a process of "equalization of individuals," serial history disregards particulars and cognitively recognizes only what is homogenous and comparable.⁵² In the eyes of the microhistorians, such a procedure with its concern for regularities implies, at least tacitly, a homogeneous conception of time and causality that produces continuity between levels. Plural time could be interpreted as a stable hierarchy where each temporality simply unfolds on the axis formed by the one superior to it. In which case the whole approach risks producing a functionalist account of historical change, a history of structures and structural transformations.⁵³

In response, Italian microhistorians have engaged a highly experimental and, indeed, eclectic set of historiographical practices whose common thread is a self-conscious reduction in the scale of observation. They embrace the singular, the peculiar, the out of series, the anomalous, and engage in close analysis of highly circumscribed phenomena such as a village community, a group of families, or an individual person, event, or object. However, their concern with reduction in scale is not a preoccupation with the local and small-scale systems. As Giovanni Levi writes, "... it becomes immediately obvious that even the apparently minutest action of, say somebody going to buy a loaf of bread, actually encompasses the far wider system of the whole world's grain markets." Rather, reduction in scale is an experimental and analytical procedure whose purpose is to reveal previously unobserved factors.⁵⁴

Thus microhistorical practice entails intense methodological and historiographical experimentation with the short-term, the local, and the particular. It is as if the microhistorians are intentionally looking through the wrong end of the telescope. The radical reversal of perspective and reduction in scale illuminates otherwise undisclosed relations and processes. Microhistory seeks to discover "the social context in which an apparently anomalous or insignificant fact assumes meaning when the hidden incoherences of an apparently unified order are revealed".⁵⁵

56

Ibidem, p.94. Histoire et sciences sociales. Un tournant critique. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, p.1320, 1989.

57

LEVI, Giovanni. On Microhistory... *Op. Cit.*, p.94.

58

GINZBURG, Carlo. Microhistory... *Op. Cit.*, p.96-125, esp. p.105-107.

59

"It seems to me that microhistory moves more firmly towards the non-quantitative branches of mathematics in order to furnish *more realistic* and less mechanistic representations, thus broadening the field of indeterminacy without necessarily rejecting formalized elaborations" (LEVI, Giovanni. On Microhistory... *Op. Cit.*, p.109, my emphasis).

By analyzing the contradictions within prescriptive and an oppressive normative systems, microhistory seeks a more realistic account of social action. There is no automatic mechanism through which actors align themselves with structural transformations and shifts. Rather, "all social action is seen to be the result of an individual's constant negotiation, manipulation, choices and decisions in the face of a normative reality, which though pervasive, nevertheless offers many possibilities for personal interpretations and freedoms".⁵⁶ Individual and collective strategies, choices, and negotiation are interpreted in close relation to their contexts but cannot be reduced to them. Microhistorical approaches are concerned with the exercise of relative freedom "beyond, though not outside, the constraints of normative systems."⁵⁷ This individualizing perspective produces results that possess what Ginzburg describes as an "unsuppressible speculative margin".⁵⁸

Conclusion: Ordering Historical Time

Within the interpretation that I am proposing, the results of microhistorical research may be seen as the world historical individual. Each microhistorical site or instance is necessarily different from the others and none can be reduced to the general conditions. Such instances are spatially and temporally dense, complex, and multifaceted points of convergence, confluence and concentration of multiple temporalities. Here we may perhaps see Braudel's rationale for wanting to encapsulate the event in the complex and volatile structure of the short term. The microhistorians have taken us far beyond the understanding of the event as simply a temporal structure with a distinct beginning and end, which is interpreted through narration. Rather, we may see in the work of the microhistorians what Reinhardt Koselleck refers to as the contemporaneity of the non-contemporaneous. This perspective leads to a radical redefinition of "context." Rather than the external "background" against which the short-term unfolds, the *longue durée* and *conjoncture* are actively present as structuring agencies shaping constraints and possibilities.

Microanalysis thus gives access to the highly particular and local conditions and environments in which agencies are formed and strategies for social action are deployed. It allows us to contextualize acting subjects at the intersection of multiple spatial and temporal levels and establish the specific conditions and relations that form actors and actions. It thereby gives specific content to Marx's dictum that men make history but only such history as it is possible for them to make. But, with apologies to Giovanni Levi and the microhistorians, the microhistorical is no more "real" than other levels of spatial temporal analysis.⁵⁹ It too is a reconstruction. It is simply capable of greater degrees of complexity (at the expense of its range of applicability) and is more adequate for certain problems.

The microhistorical project discloses the discontinuity and heterogeneity that is necessarily a part of plural time. The microanalytical, the *temps courte*, maintains its individuality. The results of fragmentary and singular microhistorical analysis cannot automatically be transferred to the more general structural spheres and vice versa. (Though they are necessarily produced through one another.) If we were to stop here, we would achieve the theoretical reconstruction of specific historical complexes, the reproduction of the world historical individual as the concentration of many determinations. Such historical reconstruction is

necessarily a part of world historical social science – the concrete analysis of the concrete situation as one twentieth-century thinker put it.

But particularization is not the point. Within the methodological assumptions of world historical social science, of a world systems perspective, we gain knowledge by the continual movement back and forth between the general and the specific, the macro and the micro, repetition and difference. What the microhistorians have yet to do is, in Braudel's phrase, to turn the hour-glass over the second time, that is to say, to reverse the methodological procedure and examine the *longue durée* and structural time through the lens of the short-term, the local, the particular, to do what Michael Zeuske calls microhistory as "world history from the perspective of the individual".⁶⁰

Such a procedure recalls Terence Hopkins' discussion of the ground and figure movement. Reflecting on the methodological approach of world-systems analysis, Hopkins writes:

I have in mind the figure-ground movement, where if one refocuses what was figure becomes ground and when one refocuses again, what was ground becomes figure. For us, the figure-ground movement seems to take place between social relations and agencies of action, between role and relation. I think that the methodological relation with which we work is that our acting units or agencies can only be thought of as *formed*, and continually re-formed, by the relations between them. Perversely, we often think of the relations as only going between the end points, the units or acting agencies, as if the latter made the relations instead of the relations making the units. Relations, generally, are our units and acting agencies are our backgrounds. At certain points in conducting analysis, it is of course indispensable to shift about and focus on acting agencies; but I think we too often forget what we have done and fail to shift the focus back again.⁶¹

In contrast to Hopkins' world-system approach and other "structural" histories, long-term structures are commonly treated as ground and short-term structures and acting agencies are taken as figure. However, differences in scale are methodological differences, not ontological differences. Reversal of this treatment of the relationship between ground and figure is both possible and necessary if we are to comprehend the multi-layered and asymmetrical spatial-temporal relations forming units and acting agencies. (Indeed, in these terms, we may think of Braudel's innovation as just such a reversal – taking the *longue durée* as figure rather than ground.) The microhistorical approach itself seems to hold open such a possibility.⁶²

Nonetheless, as Hopkins cautions, it is important not to reify the units and agents and treat them outside of the relations through which they are formed. Insofar as we view temporal units of observation quantitatively, that is, as units of homogeneous time of varying duration, such units are commensurate with one another and therefore comparable. At the same time, we must keep in mind that there are qualitative differences between such units. They are constituted differently and embody different explanatory logics. Consequently, they cannot be simply transposed or substituted for one another. Rather, we must take into account both similarity and difference as we shift ground-figure relations and continually move back and forth between different analytical levels in order to grasp the complexly structured spatial-temporal relations constituting the social historical world.⁶³

60

ZEUSKE, Michael. *Skaven und Sklaverei in den Welt des Atlantiks, 1400-1940: Umriss, Anfänge, Akteure, Vergleichsfelder und Bibliographien*. Berlin: LIT Verlag, 2006. p.9.

61

HOPKINS, Terence K. World-Systems analysis: Methodological Issues. In: HOPKINS, Terence K. e WALLERSTEIN, Immanuel (org.). *World-Systems Analysis: Theory and Methodology*. Beverly Hills: Sage Publications, 1982. p.149.

62

Carlo Ginzburg contends: "Though pretensions to systematic knowledge may appear more and more far-fetched, the idea of totality does not necessarily need to be abandoned. On the contrary, the existence of a deeply rooted relationship that explains superficial phenomena is confirmed the very moment it is stated that direct knowledge of such a connection is not possible. Though reality may seem to be opaque, there are privileged zones – signs, clues – which allow us to penetrate it" (GINZBURG, Carlo. *Clues: Roots of an Evidential Paradigm*. In: *Clues, Myths and the Historical Method*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989. p.123).

63

BORGHETTI, Maria Novella. *L'Oeuvre d'Ernest Labrousse... Op. Cit.*, p.167.

Such a reversal of procedure yields insight into the complex, highly mediated, historically uneven character of world historical processes. They reveal how structural and cyclical temporalities do not produce uniform results, but local difference and global heterogeneity, even results that run counter to the general trend. They are simultaneously unifying and differentiating processes.

Turning the hour-glass the second time allows us to move back to the world historical whole, reconstituting it through the complex historical interrelation of phenomena. The perspective of the *longue durée* and world historical analysis allows us to systematically move back and forth between specific and general relations and, taking as our point of renewed departure the concrete relation, the historical interrelation, interdependence and mutual formation of specific complexes of relations within the world historical whole. Here, methodological hierarchy does not imply a causal hierarchy. There is no fixed causal structure. Such a back and forth movement entails the manipulation of spatial and temporal scales and the deployment diverse analytical and interpretive strategies within the framework provided by the *longue durée* in relation to the particular problem at hand.⁶⁴ Such procedures entail a double movement. They allow us to specify particular historical relations and processes in time and space as we reconstitute the spatial temporal complexity of the world historical whole. In this way we may reconstitute the world economy as a concrete historical whole and, by incorporating unity and world historically produced difference, reconstruct the highly mediated and historically uneven relations of world historical processes as we live them.

64

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *La Escuela de los Annales... Op. Cit.*, p.200.